

SOCIEDADE E SOCIALIZAÇÃO

O que vem primeiro, o indivíduo ou a sociedade? Os indivíduos moldam a sociedade ou a sociedade molda os indivíduos? Em poucas palavras, podemos dizer que indivíduos e sociedade fazem parte da mesma trama, tecida pelas relações sociais, não há separação entre eles.

Nós, seres humanos, nascemos e passamos nossa existência em sociedade porque necessitamos uns dos outros para viver. O fato de precisarmos uns dos outros significa que não temos autonomia? Até que ponto dispomos de liberdade para decidir e agir? Até que ponto somos condicionados pela sociedade? A sociedade nos obriga a ser o que não queremos? E nós, podemos mudar a sociedade?

Para estudar essas questões, os sociólogos desenvolveram alguns conceitos, como socialização, instituição, hierarquia, poder, e geraram uma diversidade de análises. Algumas das principais serão a partir de agora.

1. O indivíduo, sua história e a sociedade

O indivíduo nunca teve tanta importância nas sociedades como nos dias de hoje. Quando analisamos as diversas formas de sociedade e como elas se



organizaram historicamente, percebemos que só na modernidade a noção de indivíduo ganhou relevância.

Entre os povos antigos, pouco valor se dava à pessoa única. A importância do indivíduo estava inserida no grupo a que pertencia (família, Estado, clã, etc.). Basta analisar as sociedades tribais (indígenas), as da antiguidade (grega e romana) e a medieval. Apesar

das diferenças naturais entre os indivíduos, não havia sequer a hipótese de pensar em alguém desvinculado de seu grupo.

A ideia de indivíduo começou a ganhar força no século XVI, com a **Reforma Protestante**. Esse movimento religioso definia o homem como um ser criado à imagem e semelhança de Deus, com quem podia se relacionar sem a necessidade de intermediários — no caso, os clérigos cristãos. Isso significava que o ser humano, individualmente, passava a ter “poder”.

Mais tarde, no século XVIII, com o desenvolvimento do capitalismo e do pensamento liberal, a ideia de indivíduo e de individualismo firmou-se definitivamente, pois se colocava a felicidade humana no centro das atenções.

Não se tratava, entretanto, da felicidade como um todo, mas de sua expressão material. Importava o fato de a pessoa ser proprietária de bens, de dinheiro ou apenas de seu trabalho. No século XIX essa visão estava completamente estabelecida, e a sociedade capitalista, consolidada.

Mas como indivíduos e sociedade se tornam uma só engrenagem? A Sociologia dispõe de um conceito importante para investigar essa questão: socialização.

O processo de socialização, que examinaremos com mais detalhes, começa pela família, passa pela escola e chega aos meios de comunicação, mas inclui outros caminhos, como o convívio com a comunidade do bairro ou da igreja, com o grupo que frequenta o clube ou participa das festas populares, etc. Afinal, nosso dia a dia é pontuado por relações que não se restringem a um único espaço, nem apenas ao bairro ou à cidade em que nascemos e vivemos.

Nossas escolhas, seus limites e repercussões

Quando nascemos, já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. Também encontramos uma forma de produção da vida material que segue determinados parâmetros. Muitas vezes, não temos como interferir nem como fugir das regras já estabelecidas.

A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo.

O fundamental é entender que o individual — o que é de cada um — e o comum — o que é compartilhado por todos — não estão separados; formam uma relação que se constitui conforme reagimos às situações que enfrentamos no dia a dia. Algumas pessoas podem ser mais passivas, outras mais ativas; algumas podem reagir e lutar, ao passo que outras se acomodam às circunstâncias.

Isso tudo é fruto das relações sociais. E é justamente nesse processo que construímos a sociedade em que vivemos. Se as circunstâncias formam os indivíduos, estes também criam as circunstâncias.

Existem vários níveis de interdependência entre a vida privada — a biografia de cada pessoa — e o contexto social mais amplo. Em uma eleição, por exemplo, o candidato no qual votamos está inscrito num partido, que, por sua vez, é organizado de uma forma previamente determinada pelas leis vigentes naquele momento em nosso país. Ou seja, votamos em alguém que já foi escolhido pelos membros do partido, os quais se reuniram para decidir quem deveria ser seu candidato.

Quando decidimos votar ou não votar em alguém, prestamos atenção à propaganda política, conversamos com parentes e amigos, participamos de comícios, acompanhamos as notícias nos meios de comunicação. Portanto, as decisões que tomamos, em nossas relações com outras pessoas, têm ligação com decisões que já foram tomadas. As leis que regem os partidos políticos e as eleições foram decididas por pessoas (no caso, deputados e senadores) consideradas representantes da sociedade. Mas, muitas vezes, o cidadão não sabe como essas leis foram feitas, tampouco quais foram os interesses de quem as fez.

Assim o indivíduo está de alguma maneira condicionado por decisões e escolhas que ocorrem fora de seu alcance, em outros níveis da sociedade. Entretanto, as decisões que a pessoa toma a conduzem a diferentes direções na vida. Seja qual for, a direção seguida sempre será resultado das decisões do indivíduo.



As decisões de um indivíduo podem levá-lo a se destacar em certas situações históricas, construindo o que se costuma classificar como uma trajetória de vida notável. No entanto, ao considerarmos as características individuais e sociais, bem como os aspectos históricos da formação de uma pessoa, podemos afirmar que não existem determinismos históricos ou sociais que tornam alguns indivíduos mais “especiais” que outros, pois a história de uma sociedade é feita por todos os que nela vivem, uns de modo obstinado à procura de seus objetivos, outros com menos intensidade, mas todos procurando resolver as

questões que se apresentam em seu cotidiano, conforme seus interesses e seu poder de influir nas situações existentes.



A sociedade não é um baile à fantasia, em que cada um pode mudar a máscara ou a fantasia a qualquer momento. Desde o nascimento, estamos presos às relações que foram estabelecidas antes de nós e que existem e se estruturam durante nossa vida.

Das questões individuais às questões sociais

Podemos chamar de questões sociais alguns problemas que vão além de nosso dia a dia como indivíduos, que não dizem respeito somente a nossa vida privada, mas estão ligados à estrutura de uma ou de várias sociedades. É o caso do desemprego, por exemplo, que afeta milhões de pessoas em diversos grupos sociais.

Se numa cidade de 100 mil habitantes poucos indivíduos estão sem trabalho, há um problema pessoal, que pode ser resolvido tratando as habilidades e potencialidades de cada um. Entretanto, se em um país com 50 milhões de trabalhadores 5 milhões não encontram emprego, a questão passa a ser social e não pode ser resolvida como um problema individual.

Nesse caso, a busca de soluções passa por uma análise mais profunda da estrutura econômica e política dessa sociedade.

Existem também situações que afetam o cotidiano das pessoas e que são ocasionadas por acontecimentos que atingem a maioria dos países. Por exemplo, a crise de 1929, que levou ao colapso todo o sistema financeiro mundial; a chamada Crise do Petróleo, em 1973, provocada pela elevação súbita dos preços da principal matéria-prima do mundo; o ataque, em 11 de setembro de 2001, às Torres Gêmeas em Nova York, que alterou substancialmente a relação dos Estados Unidos com os outros países e, principalmente, o cotidiano do cidadão estadunidense.

Podemos perceber, assim, que acontecimentos completamente independentes de nossa vontade nos atingem fortemente. No entanto, é importante destacar

que, tanto em 1929 como em 1973 e em 2001, os eventos mencionados foram resultado de uma configuração social criada pelas decisões de algumas pessoas, que provocaram situações que foram muito além de suas expectativas.

Essas situações, além de afetar as relações políticas, econômicas e financeiras de todos os países, também prejudicaram indivíduos em muitos lugares, até na satisfação de suas necessidades, como o consumo de alimentos e de combustível.

Esses pontos, que estão presentes na biografia de cada um de nós, fazem parte da história da sociedade em que vivemos e, muitas vezes, assumem forma ainda mais ampla. Tomar uma decisão é algo individual e social ao mesmo tempo, sendo impossível separar esses planos.

2. Socialização e Instituições Sociais

O que você acha de obedecer regras, de cumprir ordens, de seguir caminhos que já foram preestabelecidos para você?

É provável que você e muitos de seus colegas digam que não gostam de obedecer regras, e alguns cheguem mesmo a afirmar com uma pontinha de orgulho que só fazem aquilo que gostam ou que têm vontade...

Pois saibam que não é bem assim que as coisas acontecem. Mesmo que você se considere um rebelde, você está muito mais dentro da ordem que imagina, principalmente se você é um estudante e está lendo esse texto querendo entrar em uma universidade.

Por que estou falando isso?

Para dizer que vivemos numa sociedade totalmente institucionalizada, ou seja, vivemos “imersos” em instituições sociais, portanto, somos continuamente levados a realizar coisas que não escolhemos, e na maioria das vezes as realizamos “naturalmente”, sem questionar de onde e de quem partiu aquela ideia ou aquela ordem.

Vimos como o indivíduo atua na sociedade e como a sociedade atua na vida do indivíduo. O processo pelo qual os indivíduos formam a sociedade e são formados por ela é chamado de **socialização**. A imagem que melhor descreve esse processo é a de uma rede tecida por relações sociais que vão se entrelaçando e compondo diversas outras relações até formar toda a sociedade.

As diferenças no processo de socialização

Entender a sociedade em que vivemos significa saber que há muitas diferenças e que é preciso olhar para elas. É muito diferente nascer e viver numa favela, num bairro rico, num condomínio fechado ou numa área do sertão nordestino exposta a longos períodos de

seca. Essas desigualdades promovem formas diferentes de socialização.

Ao tratar de diferenças, temos também de vê-las no contexto histórico. A socialização dos dias atuais é completamente diferente da dos anos 1950. Naquela época, a maioria da população vivia na zona rural ou em pequenas cidades. As escolas eram pequenas e tinham poucos alunos. A televisão estava iniciando no Brasil e seus programas eram vistos por poucas pessoas. Não havia internet e a telefonia era precária. Ouvir rádio era a principal forma de tomar conhecimento do que acontecia em outros lugares do país e do mundo.

As pessoas relacionavam-se quase somente com as que viviam próximas e estabeleciam fortes laços de solidariedade entre si. Escrever cartas era muito comum, pois constituía a forma mais prática de se comunicar a distância.

No decorrer da segunda metade do século XX, os avanços tecnológicos nos setores de comunicação e informação, o aumento da produção industrial e do consumo e o crescimento da população urbana desencadearam grandes transformações no mundo inteiro.

Em alguns casos, alterações econômicas e políticas provocaram a deterioração das condições de vida e organização social, gerando situações calamitosas. Em vários países do continente africano, milhares de pessoas morreram de fome ou se destruíram em guerras internas (o que continua a acontecer). Na antiga Iugoslávia, no continente europeu, grupos étnicos entraram em conflitos que mesclavam questões políticas, econômicas e culturais e, apoiados ou não por outros países, mataram-se durante muitos anos numa guerra civil. Nascer e viver nessas condições é completamente diferente de viver no mesmo local com paz e tranquilidade. A socialização das crianças “em guerra permanente” (quando conseguem sobreviver) é afetada profundamente.

Cada indivíduo, ao fazer parte de uma sociedade, insere-se em múltiplos grupos e instituições que se entrecruzam, como a família, a escola e a Igreja. E, assim, o fio da meada parece interminável porque forma uma complexa rede de relações que permeia o cotidiano. Ainda que cada sujeito tenha sua individualidade, esta se constrói no contexto das relações sociais com os diferentes grupos e instituições dos quais ele participa, tendo por isso experiências semelhantes ou diferentes das de outras pessoas.

Todo o nosso pensamento e nossa ação foram aprendidos e continuam constantemente sendo construídos no decorrer de nossa vida.

Muito do que fazemos foi pensado e estabelecido por pessoas que nem existem mais. Desde o momento de nosso nascimento até a nossa morte estamos sempre atendendo às várias expectativas dos vários grupos que participamos.

Por isso, vamos analisar algumas instituições sociais muito presentes e atuantes em nossa sociedade, mais especificamente três: a escola, a religião e a família.

Conhecer um pouco das origens históricas das instituições, ou como foram construídas pelas diversas sociedades ao longo do tempo; perceber as transformações que foram sofrendo e como se configuram hoje, conhecer as diversas possibilidades de leitura oferecidas pela Sociologia, e, principalmente, nos enxergarmos como parte integrante dessas instituições.

Não como uma peça num tabuleiro de um jogo, mas como sujeitos atuantes e com capacidade de mudar as regras do jogo quando considerarmos necessário.

Vamos compreender a dinâmica da sociedade contemporânea, aprender a questionar as “verdades” que nos são colocadas para termos uma visão crítica e criativa das diversas instituições sociais que compõem o sistema social.

Nascemos todos em algum lugar da sociedade: num bairro de periferia, num edifício no centro da cidade, numa favela, num condomínio fechado, e pertencemos quase sempre a algum tipo de família.

É dentro da **família** que aprendemos os primeiros valores do grupo e da sociedade a que pertencemos. Os pais (ou aqueles que cumprem este papel), criam e provêm os filhos de condições para a subsistência e esperam desses respeito e obediência. A sociedade espera que os pais trabalhem e tenham uma vida honesta, às mães cabe o amor incondicional, capaz de fazê-las abrir mão da própria vida para ver a felicidade de seus filhos. Isso pode parecer um pouco exagerado, mas, às vezes, a caricatura de uma situação nos permite enxergá-la melhor.

Bem, crescemos ouvindo que a família é um lugar “sagrado”, que devemos respeitar nossos pais, que tanto sacrifícios fizeram por nós.

Crescemos ouvindo que é o bem mais importante de um homem, e quando finalmente crescemos, “desejamos” formar outra família, porque é isto que esperam de nós. Mas se não agirmos dessa forma esperada, se não nos transformarmos no pai trabalhador, na “mãe santa”, no filho respeitoso? Se escolhermos outro caminho e outros valores? Aí sofreremos o que a Sociologia chama de **coerção social** – significa que seremos coagidos e pressionados pelo grupo familiar e pelas pessoas próximas desse, a retomar os valores preestabelecidos.

É o grupo familiar que também vai nos indicar os caminhos escolares e profissionais. Para algumas famílias, percorrer toda a carreira escolar sem interrupção é algo indiscutível, e desviar-se deste caminho previsto pode ser traumático. Novamente não escolhemos, mas as escolhas já estão feitas. Quase sempre fazemos o que é esperado.

Passemos agora para a **escola**. Essa instituição ensina-nos novos padrões de comportamento, ou reforça aqueles que já trazemos de nossa classe social e

tenta nos fazer acreditar que somos todos iguais, porque podemos nos sentar igualmente nas carteiras escolares. Mas tão logo os alunos percebem que para haver igualdade é necessário mais do que um lugar na escola, começam as reações contrárias à ordem. São as chamadas questões disciplinares.

A escola valoriza a ordem, a disciplina, o bom rendimento. Os adolescentes vêem neste momento de suas vidas a oportunidade de rebelar-se contra os padrões de comportamento estabelecidos, de agredir tudo que representa autoridade, de desprezar o que não atende a seus interesses imediatos...

Há uma outra instituição social com a qual você provavelmente também convive. Caso tenha sido batizado ou iniciado em alguma religião em sua infância, e tenha crescido seguindo os ensinamentos de sua igreja, você desenvolveu o que se chama de pensamento sagrado.

Você explica fenômenos da vida e da morte de acordo com os preceitos de sua fé. Você conhece os rituais de sua igreja e respeita, ou ao menos sabe o significado das principais datas religiosas. Se, em algum momento de sua vida, você resolver se desligar de sua religião, esteja certo de que sofrerá forte pressão de seu grupo religioso, o qual muito o indagará a respeito de sua decisão, e mais do que isso, fará tudo para demovê-lo de sua decisão.

Com esses exemplos é possível perceber o quanto as instituições direcionam nossas ações, às vezes de forma tão sutil que não percebemos que as situações vivenciadas cotidianamente são em sua maioria reproduções de antigas instituições sociais.

Também será possível que um dia você chegue à conclusão de que uma ou todas as instituições não são assim tão importantes para a sua vida. Em diversos momentos da história, alguns grupos sociais e alguns indivíduos negaram a necessidade da autoridade, fosse esta política, familiar, religiosa, educacional ou qualquer outra.

Acreditavam na capacidade de auto-governo do ser humano, na liberdade e na autonomia de pensamento. Aliás, hoje é possível encontrar em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, pessoas que vivem em comunidades alternativas, que negam os valores do pensamento dominante, e constroem suas próprias regras, com base na visão que têm da sociedade e do planeta.

Passaremos agora a analisar com mais detalhes as principais instituições da nossa sociedade para entendermos melhor sua constituição e funcionamento.

2.1 A instituição escolar

Como você reagiria se ouvisse ou lesse a notícia de que a escola foi abolida? Ficaria feliz por ver-se livre desta obrigação? Ficaria preocupado, pois você já ouviu

falar que sem escolas temos poucas chances na vida? Ficaria triste, pois é na escola que você encontra seus amigos?

Pois é, a escola já faz parte de sua vida diária. Você já cursou oito anos do Ensino Fundamental, está cursando o Ensino Médio, e talvez esteja pensando em ingressar em algum curso superior para seguir uma carreira.

Você pode mesmo ser considerado um vitorioso do sistema escolar, uma vez que muitos dos seus colegas que iniciaram a 1ª série com você, não chegaram à 8ª série, e daqueles que chegaram ao fim do Ensino Fundamental, muitos não prosseguiram no Ensino Médio, pois não tiveram condições de arcar com as despesas e exigências da escola.

Sim! Pois estudar exige esforço e também custa caro! São cadernos, livros, roupas, transportes, etc. Em nosso país, são poucas as famílias que conseguem arcar com os estudos de seus filhos.

Segundo dados do censo escolar, realizado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), em 2004, ingressaram no Ensino Fundamental 26.614.310 alunos, enquanto no Ensino Médio ingressaram apenas 9.169.357 alunos.

Já houve um cientista da educação que propôs uma “sociedade sem escolas”. Seu nome era Ivan Illich. Illich (1926-2002) era russo, e afirmava que “(...) a obrigatoriedade da educação escolar é uma invenção relativamente nova, e não há porque aceitá-la como se fosse algo inevitável”.

Lembre-se, no entanto, que a inexistência de escolas não significa a inexistência de educação. Esta última existe em todas as sociedades humanas e são muitos os meios disponíveis para o seu acesso. Estudaremos sobre isto mais à frente.

Retornando a Illich, suas ideias nos sugerem a pensar sobre a origem das escolas. **A partir de quando, e por que, esta instituição passou a fazer parte do cotidiano de algumas sociedades?**

A escola, tal como conhecemos hoje, intitulada pelos historiadores da educação como Escola Moderna, começou a se configurar em fins do século XVI e ao longo do século XVII.

Antes disso, nas sociedades antigas e medievais, já havia a preocupação com a educação de seus jovens, os quais estudavam ou individualmente, sob a orientação de um mestre, ou em pequenos grupos, independentes de idade ou seriação. Adultos e crianças frequentavam a mesma classe durante o tempo que desejassem ou precisassem, e isso não era considerado um problema. As teorias da psicologia da aprendizagem, que estabelecem etapas para o desenvolvimento humano, virão muitos anos depois.

Mas a escola moderna organiza-se inicialmente com características que já conhecemos bem:

1 - a preocupação em separar os alunos em classes seriadas, de acordo com a faixa etária;

2 - a divisão sistemática dos programas de acordo com cada série;

3 - os níveis de estudos passam a ter um encadeamento: a escola elementar (ler, escrever e contar), com a escola média ou profissional e os estudos superiores;



4 - o tempo para o estudo e para o cumprimento dos programas para uma determinada série também passam a ser preestabelecidos. **Não será mais o ritmo de aprendizado do aluno que dirá de quanto tempo ele necessita para aprender, mas sim o ritmo imposto pela instituição.**



(José Victor Teles passa para medicina aos 14 anos)

Outros elementos muito comuns em nossa prática escolar também passaram a ser utilizados, como o registro das aulas, o controle de frequência (chamada), a elaboração de textos simplificados para cada disciplina (livros didáticos). Junto com isso teremos maior rigor disciplinar, com a criação de normas e regimentos de conduta. Enfim, são práticas que têm a função de **organizar, disciplinar e controlar**, e que hoje nos parecem naturais e quase imutáveis.

Mas atenção! Um dos principais objetivos do estudo da Sociologia é auxiliá-lo a “desnaturalizar” os fatos sociais, a desconstruir alguns conceitos que, de tão repetidos que foram, parecem ser os únicos verdadeiros.

Desnaturalizar a instituição escolar significa saber que ela foi pensada e construída por pessoas como professores, religiosos ou governantes que tinham interesses e necessidades próprias daquele momento histórico.

E que, antes desse modelo escolar, existiram outras formas criadas pelas sociedades para transmitirem às suas crianças e jovens os saberes necessários para a vida social. Portanto, cabe a nós e às próximas gerações também pensarmos e construirmos escolas que estejam mais próximas de nossas necessidades e nossos sonhos!

Quais fatores contribuíram para o aparecimento e desenvolvimento das escolas? Foram muitos os fatores. No momento, vamos comentar sobre o contexto histórico que favoreceu o nascimento desta instituição.

As revoluções burguesas, principalmente a inglesa (séc. XVII) e a francesa (séc. XVIII), vão encerrar definitivamente o feudalismo e inaugurar um novo modo de produção – o capitalismo. A burguesia, classe social em ascensão, irá conceber uma nova doutrina social ou uma nova ideologia para o capitalismo que se denominará **liberalismo**. Os princípios do liberalismo são: **o individualismo, a propriedade, a liberdade, a igualdade e a democracia**.

A doutrina do **individualismo** coloca no esforço individual toda a responsabilidade para que as pessoas atinjam o sucesso ou o progresso, desconsiderando as condições econômicas e sociais nas quais estejam vivendo. Para o liberalismo, os indivíduos serão tão mais livres quanto menor for a ação do Estado, ou seja, o Estado não deve interferir e despende recursos para serviços públicos.

Quanto ao **princípio da propriedade**, significa que todos têm direito à propriedade desde que se esforcem e trabalhem para isso.

A **igualdade**, como é tratada no liberalismo, não se refere à igualdade social, mas sim à igualdade perante a lei. Já devem ter ouvido a frase: “Todos são iguais perante a lei”. Pois é, mas em relação às desigualdades sociais, a conversa é outra. Os liberais consideram natural que existam pobres e ricos, uma vez que nem todas as pessoas são talentosas ou esforçadas da mesma forma.

A **democracia**, defendida pelos liberais, resume-se à democracia representativa, isto é, o direito de todos escolherem seus representantes políticos. No entanto, democracia é mais do que isto, é o direito de usufruirmos igualmente os bens produzidos em nossa sociedade.

Outro importante movimento que se desenvolve a partir do século XVII, foi a chamada “revolução científica”. A filosofia, e as ciências físicas, químicas e matemáticas sofrem um grande desenvolvimento e há uma **supervalorização** do

pensamento racional e científico. O filósofo e matemático René Descartes (França, 1596 – 1650) é considerado o fundador desta doutrina.

Observe que não fica difícil estabelecer relações entre a doutrina liberal, o pensamento racionalista e o surgimento da escola moderna, tal como essa foi descrita anteriormente.

Vocês viram até aqui uma breve história da instituição escolar, organizada de forma mais ou menos semelhante em grande parte das sociedades.

Mas... E as sociedades sem escolas?

Retomando a ideia que apontava como quase absurda a possibilidade da extinção das escolas, temos que tomar conhecimento da existência das sociedades “desescolarizadas”, ou seja, sociedades que existiram e ainda existem sem a presença das instituições escolares.

Nessas sociedades, assim como na nossa, a educação é elemento fundamental de socialização e de manutenção do próprio grupo. Nessas, a herança cultural e os saberes necessários para a sobrevivência e a convivência são transmitidos por meio da educação informal. A palavra informal nos revela que a educação acontece, mas sem a necessidade de escolas, salas de aulas, notas, provas, recuperação de estudos, etc e etc. A escola é a própria vida, e os professores são todos aqueles que têm experiências e conhecimentos significativos à comunidade.

Florestan Fernandes (1920-1995), importante nome da Sociologia brasileira, estudou os povos Tupinambás, e sua pesquisa nos permite conhecer alguns elementos que caracterizam a educação das sociedades tribais:

1º os conhecimentos são acessíveis a todos os membros da sociedade;

2º a transmissão da cultura faz-se cotidianamente, sem a utilização de recursos ou técnicas pedagógicas;

3º como se tratam de sociedades iletradas, a comunicação dos saberes ocorre oralmente. Aliás, a palavra oral possuía tanto prestígio quanto a linguagem escrita possui em nossa sociedade;

4º a educação não é privilégio das crianças e jovens, uma vez que os membros da comunidade estão continuamente nos papéis de aprendizes e de mestres.

Três importantes valores perpassam a educação dos tupinambás: **a tradição, o valor da ação e o valor do exemplo**.

A tradição possui um valor sagrado; significa que os conhecimentos produzidos pelos antepassados devem ser respeitados religiosamente, sem questionamentos.

O valor da ação está relacionado à máxima do “aprender fazendo”, ou seja, todos os membros da comunidade devem estar engajados em todas as atividades sociais (resguardadas somente as diferenças sexuais).

O valor do exemplo refere-se à imitação. Cabia aos adultos a responsabilidade de pensar e agir de acordo com os modelos legados pelos antepassados para servirem de exemplo aos mais jovens, assegurando assim a permanência das tradições.

É possível perceber que nessas sociedades existia um grande respeito entre todos os membros do grupo, pois as pessoas mais velhas eram especialmente valorizadas pelas experiências e saberes acumulados ao longo dos anos vividos.

Seria possível uma sociedade sem escolas hoje?

No tipo de sociedade em que vivemos hoje, que são chamadas de “complexas”, uma educação informal nos moldes das sociedades tribais seria muito difícil de acontecer. As áreas do conhecimento se diversificaram em demasia, e avançam rapidamente. A ciência, a tecnologia, as artes e outras áreas se desenvolvem numa velocidade que nem mesmo os especialistas conseguem acompanhar. Imaginar que tudo poderia ser apreendido informalmente por todos seria irreal!

No entanto, existem muitas pessoas que têm buscado educação em lugares diferentes destes que chamamos de escola. As telecomunicações e a informática têm ofertado diversos cursos nos vários níveis de ensino e em várias áreas de interesse, e têm atraído pessoas que desejam atualizar-se, ou mesmo iniciar-se em alguma profissão. Se esta modalidade de educação poderá vir a substituir a escola, no futuro, ainda não sabemos. Mas tudo indica que a escola, essa nossa velha conhecida, ainda tem um longo tempo de vida.

Provavelmente você já percebeu que a escola não é o lugar que mais agrada aos jovens de sua idade. Frequentar a casa dos amigos, andar pelas ruas, ir às baladas, trabalhar ou ficar à toa parecem coisas bem mais agradáveis e interessantes. Por que isto ocorre?

Ora, adquirir novos conhecimentos, vivenciar experiências que nos auxiliem na compreensão de nosso mundo e nos façam sentir integrantes na construção da cultura das sociedades, são atitudes que fazem parte da natureza humana.

Sem a curiosidade, a vontade de aprender e de buscar formas diferentes para realizar suas tarefas cotidianas, certamente não teríamos saído da idade da pedra, não teríamos desenvolvido a tecnologia, as ciências, as artes, enfim, em todas as áreas, o ser humano não cessa a busca por novas alternativas que visem a melhora da qualidade de vida. Você poderá dizer que isso ocorre por interesses de mercado. Certo. No entanto, isso não quer dizer que não seja necessário estudo, pesquisa, persistência, disciplina...

Para nos auxiliar na reflexão a respeito da função disciplinadora da escola, podemos recorrer às ideias de um filósofo francês – Michel Foucault (1926-1984). Este pensador realizou estudos comparativos

entre algumas instituições como prisões, conventos, quartéis e escolas, buscando desvelar suas semelhanças no que se refere aos aspectos de organização e controle.

Para Foucault, mais importante do que um poder centralizador e visível, são os “pequenos” poderes que abarcam todo o espaço social, e dos quais não conseguimos escapar, porque estão dispersos. É o espaço físico, o mobiliário, as regras, os olhares vigilantes, as ameaças e as punições agindo sempre no sentido de controlar nossos corpos e nossas consciências, de nos fazermos “úteis”, “dóceis”, treinados para a obediência.

Mas o que isto tem a ver com a escola?

A escola é criada (como já vimos anteriormente), num contexto de grande valorização da ciência, e de preocupação com a formação de um “novo homem”, adequado às novas regras e aos novos princípios.

Sua função disciplinadora, normatizadora, desde o início é muito clara, quase inerente. Mas seu papel de levar às novas gerações os conhecimentos necessários para a vida social também jamais foi negado. Ainda hoje se perguntarmos a uma criança, por que ela vai à escola, a resposta será: “Para aprender...” Mas aprender o quê? E para quê?

Aprender para nos tornarmos “civilizados”?

Aprender para nos tornarmos obedientes e conformados?

Aprender para acreditarmos e aceitarmos que escola não é para mim, mas sim para os “outros”?

Aprender que aprender é repetir o livro e as palavras do professor?

Aprender que estudar é difícil e cansativo?

Desde o seu início a instituição escolar tornou-se objeto de estudo privilegiado de filósofos, sociólogos, psicólogos e pedagogos. Mais recentemente, outros profissionais como médicos, arquitetos, historiadores, entre outros, também têm dedicado suas pesquisas à escola e à educação. Você, como aluno, não tem ideia da polêmica que cerca a instituição e a educação escolar. Este lugar, aparentemente tão banal, tem sido alvo de debates acirrados e os resultados apresentados em muitos livros, revistas e discutidos em congressos pelo mundo inteiro.

Para que você compreenda melhor isto que estamos falando, vamos apresentar algumas teorias explicativas sobre a organização e o funcionamento escolar desenvolvidos por sociólogos que se dedicavam a este tema:

Teorias crítico-reprodutivistas: estas teorias partem do princípio de que a escola é uma instituição que, por meio de suas práticas, conhecimentos e valores veiculados, têm contribuído para a reprodução das desigualdades da sociedade de classe em que vivemos.

Os sociólogos franceses, Pierre Bourdieu (1930-2002) e Jean-Claude Passeron (1930-), são representantes desta teoria, e acompanhar seus pensamentos pode ajudar-nos a compreendê-la.

No interior de uma sociedade de classes existem diferenças culturais. As elites possuem um determinado patrimônio cultural constituído de normas de falar, de vestir-se, de valores, etc. Já as classes trabalhadoras (ou dominadas, como são identificadas pelos autores) possuem outras características culturais, diferentes, não inferiores, pois têm lhes permitido sua manutenção enquanto classe.

A escola, por sua vez, ignora estas diferenças sócio-culturais, selecionando e privilegiando em sua teoria e prática as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Com essa atitude, ela favorece aquelas crianças e jovens que já dominam este aparato cultural. Para estes, a escola é realmente uma



continuidade da família e do “mundo” do qual provêm. A escola somente reforça e valoriza conhecimentos que estes já trazem de casa.

Já para os jovens filhos das classes trabalhadoras, a escola representa uma ruptura. Seus valores e saberes são desprezados, ignorados, e ela necessita quase que reiniciar sua inserção cultural, ou seja, aprender novos padrões ou modelos de cultura.



Dentro dessa lógica, é evidente que para os estudantes filhos das classes dominantes alcançar o sucesso escolar torna-se bem mais fácil do que para aquelas que têm que “desaprender” uma cultura para aprender um novo jeito de pensar, falar, movimentar-

se, enfim, enxergar o mundo, inserir-se neste e ainda ser bem-sucedido.

Bourdieu chama isso de “violência simbólica”, ou seja, o desprezo e a inferiorização da expressão cultural de um grupo por outro mais poderoso econômica ou politicamente, faz com que esse perca sua identidade e suas referências, tornando-se fraco, inseguro e mais sujeito à dominação.

Perceberam que estes autores fazem uma **crítica** ao sistema escolar? Afirmam que a escola está organizada para servir apenas a alguns grupos da sociedade, aqueles que já trazem de casa uma bagagem cultural semelhante a da escola.

Teoria funcionalista – Durkheim é um dos representantes do pensamento conservador. Sua teoria faz a defesa da ordem social dominante, do chamado “*status quo*”. Não menciona a necessidade de mudanças, reformas ou muito menos revoluções.

Seguindo a linha de pensamento de Durkheim, a escola, assim como as demais instituições sociais, tem a função de imprimir sobre as novas gerações valores morais e disciplinares que visam à perpetuação da sociedade tal como ela está organizada quanto à ordem e no respeito aos poderes dominantes.

Durkheim trata a sociedade como se essa fosse uma entidade externa aos indivíduos, acima dos conflitos sociais, das lutas por interesses diversos. A sociedade é assim entendida como um corpo harmônico, com valores e à qual só nos resta a adaptação.

Pois bem! Para Durkheim a escola não é alvo de críticas, pois funciona adequadamente à sociedade na qual está inserida. Para ele, todos os indivíduos e instituições têm uma função a cumprir, que uma vez, bem desempenhada contribuirá para o progresso e à harmonia social. Os conflitos sociais não resultam das desigualdades providas da sociedade de classes, mas são espécies de “doenças”, e como tais devem ser “tratadas”.

O conhecimento dessas teorias nos ajuda a compreender o fracasso escolar, este fenômeno que anualmente exclui centenas de jovens da escola. Se formos verificar a origem social destes alunos que não conseguiram concluir seus estudos, verificaremos que pertencem às classes menos favorecidas economicamente, e cujos hábitos culturais estão mais distantes dos padrões oficiais. No entanto, temos que estar atentos ao fato de que as teorias nos ajudam a melhor compreender como e por que as coisas acontecem de uma determinada forma, mesmo que esta forma esteja desagradando ou prejudicando muita gente, como é o caso da escola, arriscaríamos dizer. Mas nenhuma teoria sociológica consegue dar conta de explicar toda a realidade educacional.

Elas são formas de olhar para esta realidade!

Corremos sérios riscos ao tentarmos “encaixar” a realidade aos modelos teóricos, se nos fixarmos somente nas teorias e não prestarmos atenção às diferenças e às peculiaridades. Estes são alguns riscos:

1º O pensamento imobilista – ou seja, se a escola existe somente para reproduzir a sociedade desigual que aí está, então nada podemos fazer senão nos adequarmos a esta situação. Esta atitude passiva em nada contribui para desenvolvermos as atitudes críticas e criativas necessárias à criação de um outro modelo de escola.

2º A generalização – acreditar que todas as escolas são iguais. Que todas têm a mesma organização pedagógica, a mesma interpretação das leis, a mesma ideologia, as mesmas práticas. Ainda bem que isso não é verdade! Vários são os fatores que contribuem para a construção da cultura de cada escola: sua localização espacial e temporal, sua arquitetura, e principalmente seus sujeitos – professores, alunos, diretores, funcionários – verdadeiros autores da educação escolar.

A forma como essas pessoas relacionam-se no dia-a-dia escolar, criam e assimilam regras, selecionam e aplicam conteúdos não está necessariamente condicionada às normas oficiais, mas muito mais às preferências pessoais, às opções políticas, às histórias de vida, às formas de pensar e agir próprias daquele grupo, que podem ser mais ou menos coesas.

Perceber a escola dessa forma, em suas peculiaridades e diferenças nos permite ver possibilidades de ação e de mudanças nessa instituição em que passamos tantos anos.

Vamos então para uma outra forma de olhar para a escola!

A escola pública, universal e gratuita é um direito garantido pela Constituição Federal.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

É uma conquista da sociedade, resultado de muita luta de professores, estudantes, pais e de todos aqueles que se importam com a justiça e com a igualdade social. Mas ao mesmo tempo que é um direito, a educação é obrigatória; ou seja, o Estado tem a obrigação de oferecer escola e os pais ou responsáveis têm o dever de matricular e manterem seus filhos menores na escola, sob pena de serem punidos até mesmo com a perda da guarda destes.

Parece contraditória essa ideia de algo ser direito mas ao mesmo tempo ser um dever, no entanto, as contradições que cercam essa instituição não param aí.

A escola é uma instituição regida por normas estabelecidas por grupos externos a esta. No caso da escola pública brasileira, é o Poder Público quem exerce

essa função. As escolas particulares também prestam contas ao Poder Público, assim como às entidades que as mantêm. Por exemplo, as escolas confessionais possuem normas que são ditadas pelas organizações religiosas a que estão ligadas.

Mas além das normas ditadas exteriormente, as escolas possuem uma dinâmica interna, como foi falado acima, que lhes permite criar seu próprio sistema de normas e valores, sua própria “cara”, ou o que pesquisadores da educação denominam hoje de “cultura escolar”. Vamos buscar entender como essa “cultura escolar” pode constituir-se a nosso favor.

As escolas são ambientes tensos e permeados de conflitos, o que não deve ser considerado um problema, uma vez que sua população é absolutamente heterogênea: possui origens sociais distintas, assim como diferentes idades, bagagens culturais, visões e projetos de vida.

No entanto, algo aproxima essa população: todos procuram essa instituição com um interesse semelhante, qual seja, o de lá sair “melhores” do que quando entraram. Em melhores condições de enfrentar a vida, com mais conhecimentos e preparo para prosseguir os estudos ou buscar uma profissão. Algumas vezes esses objetivos são atingidos, outras não.

Para conseguirmos fazer com que nossos objetivos, buscados nesta instituição escolar, coincidam com sua prática, é necessário o esforço e o trabalho conjunto de todos aqueles que a constituem, no sentido da construção de uma escola democrática, participativa e que integre-se às nossas vidas.

Para construirmos esta escola podemos buscar inspiração nas ideias de grandes educadores que dedicaram suas vidas ao estudo e à experimentação de formas de educação que tornam as pessoas mais livres, responsáveis, criativas e com autonomia de pensamento.

Estes educadores são chamados pela pedagogia de “educadores progressistas”, o que significa que suas propostas educacionais apontam no sentido de uma ruptura com os valores criados e reforçados pela sociedade capitalista (submissão, competição, individualismo), e no estímulo e reforço de valores que podem contribuir para fazermos nossa vida uma experiência diária de solidariedade e, talvez, coletivamente, poderemos projetarmos uma nova ordem social. Estes valores são a cooperação, a criatividade, a tolerância, o respeito ao outro e ao planeta.

Conhecido no mundo todo, Paulo Freire (1921–1997) representante da **filosofia da libertação**, é considerado um dos mais importantes educadores da atualidade. Suas obras e experiências se espalharam pelo mundo principalmente porque após o golpe militar de 1964, que instaurou a ditadura brasileira, Freire foi exilado do Brasil, vivendo e trabalhando primeiramente no Chile, e depois em vários lugares como Genebra, na

Suíça, países africanos, como Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, e Nicarágua, na América Central.

Por onde passou, Paulo Freire deixou sua marca de educador comprometido com as classes oprimidas. Quando retornou ao Brasil, após a ditadura, retomou suas atividades na universidade, assumiu cargos políticos e continuou a escrever para aqueles que sonham e acreditam que a educação e o mundo podem ser para todos e não só para alguns.

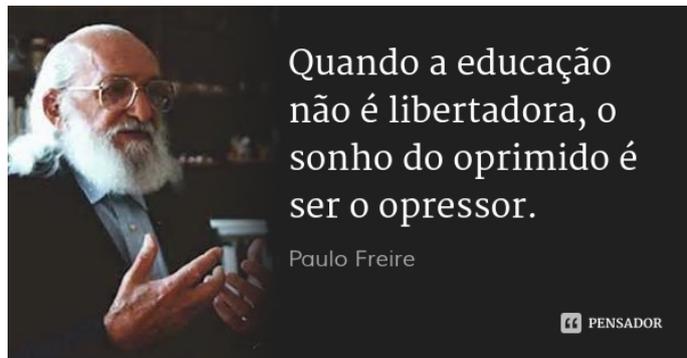
Educação, para Paulo Freire, antes de mais nada, tem a ver com **conscientização**.

Vamos entender o que ele quer dizer com isso. Partindo do princípio de que vivemos numa sociedade dividida em classes, temos alguns grupos que estão na situação de domínio, de poder, e outros (a grande maioria), que vivem à mercê das ordens e decisões tomadas pelos primeiros, numa situação de opressão.

Ser oprimido significa não somente estar subjogado economicamente, mas principalmente **não ser respeitado em suas manifestações culturais** (valores, linguagem, religião, etc), **não ter voz na sociedade** (suas insatisfações e suas propostas não são ouvidas), e **não considerar-se sujeito de sua história**.

A condição de oprimido é muito complexa porque esse, muitas vezes, não se percebe como tal, ou pior, se percebe e considera como “natural” o fato de existirem os que mandam e os que são mandados (visão fatalista), também muitas vezes considera-se mesmo inferior e “merecedor” do lugar que ocupa na sociedade.

A educação conscientizadora, proposta por Paulo Freire, tem a tarefa de ao mesmo tempo conscientizar criticamente o educando de sua posição social e mobilizá-lo internamente para a luta pela transformação da sociedade. Portanto, a educação assim entendida, reveste-se de um caráter essencialmente político. Ou seja, além do estudo, do conhecimento, da aquisição de habilidades, a escola tem papel fundamental na construção de sujeitos autônomos, críticos, em condições para lutar pela superação das desigualdades e pela transformação da sociedade.



Este é o sentido da **Pedagogia da Libertação** – contribuir para a criação de homens e mulheres “livres” – abertos para a vida, para o novo, para um

fazer e refazer permanente na busca do mundo que fará a todos mais felizes, e não somente alguns.

Algumas pessoas criticam Paulo Freire, acusando-o de utópico ou sonhador. A elas, ele mesmo responde:

“(...) Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. O meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora”.

2.2 A instituição religiosa

“a religião é uma obra humana através da qual é construído um cosmo sagrado” (BERGER apud FILORAMI&PRANDI, 1999: p.267).

Em sua definição, Berger contempla tanto o aspecto transcendental quanto o cultural (obra humana).

Prosseguindo nesse raciocínio, cabe a explicação etimológica da palavra religião. A partir de um pensamento de Santo Agostinho o qual nos propõe que liguemos nossa alma a um único Deus, temos hoje a associação da palavra religião a “religar”. Ligar o que a quê? Ligar o mundo sobrenatural, sagrado, ao mundo humano, ou profano, fazer-nos crer (e este é um aspecto fundamental da religião: a fé), que nós mortais não estamos sozinhos no universo, que há um sentido para a vida, e que cabe a cada um de nós tentarmos descobrir a que viemos.

A religião é uma forma de alimento às nossas esperanças, como uma força que nos impulsiona em direção a construção daquilo que consideramos justo, ético e ideal. A crença de que em última instância, algo ou alguém irá nos socorrer, que não estamos abandonados à própria sorte, pode nos dar a força necessária para prosseguirmos em nossa aventura pela vida! A religião pode também nos ensinar a conviver com nossos conflitos interiores e aceitarmos o que é inevitável, caso contrário, a vida se tornará inviável. Talvez elevar o pensamento ao Céu possa colocá-lo à altura de nossos desejos.

Mas por que estudar a religião, e suas várias manifestações?

Antes de tudo porque não vivemos isolados no mundo. Estamos em contato contínuo com as mais diversas culturas do planeta! Já há muito tempo a antropologia nos alertou sobre os riscos e os prejuízos que o pensamento etnocêntrico causaram à humanidade. Quantas culturas arrasadas, quantos povos destruídos e dominados em virtude da ignorância

e da arrogância de outros, mais poderosos economicamente.

Hoje, é inadmissível termos este tipo de atitude, qual seja, a de olharmos com superioridade para povos com culturas diferentes da nossa, julgarmos como inferiores comportamentos culturais que nos parecem “estranhos” ou exóticos. Conhecer as diferentes religiões que se espalham por nosso país e pelo mundo afora, possibilita-nos abriremos os olhos para o mundo, ou melhor, conhecermos outras dimensões para se compreender e explicar a vida e o universo. Veremos que o mundo é muito maior do que imaginamos e muito mais fascinante depois de conhecermos as histórias que buscam dar significado às nossas existências.

Uma segunda forma de compreensão do pensamento religioso é percebê-lo como instrumento de dominação, de intolerância, e que ao extremo pode chegar ao fanatismo religioso.

Pensadores como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber mais uma vez nos auxiliam nesta tarefa da Sociologia de analisar contextualmente e desnaturalizar as relações sociais. Chegam a conclusões distintas em suas análises e reflexões sobre as funções da religião nas sociedades.

No entanto, num aspecto é possível observar a convergência entre os três pensadores: são unânimes em anunciar o previsível fim da religião. Afirmam que com o desenvolvimento das sociedades industriais, a religião tenderia a perder espaço para outras atividades sociais. Ou seja, a modernização e a industrialização levaria ao que a Sociologia denomina de processo de **secularização**.

É!! Parece que se equivocaram! Caso contrário não estaríamos neste momento gastando nossas horas com esse estudo.

Para Durkheim, a religião teria a função de fortalecer os laços de coesão social, e contribuir para a solidariedade dos membros do grupo. Por isso, as cerimônias e os rituais ganham uma grande importância, uma vez que são estes momentos que possibilitam o encontro dos fiéis e a reafirmação de suas crenças.

Durkheim iniciou e baseou suas análises em uma pesquisa realizada com os povos aborígenes australianos, na qual abordava a prática do totemismo. Um totem é um objeto sagrado, um símbolo do grupo, venerado nas cerimônias ritualísticas. Pode ser uma planta, um animal, ou objeto, que por possuir, em sua origem, um significado especial para o grupo, adquire o caráter de sagrado. A utilização do termo Totem está restrito às religiões chamadas “elementares” ou simples. Reafirmando, podemos concluir que para Durkheim, a religião possui unicamente a função de conservar e fortalecer a ordem estabelecida. De forma alguma pode ser associada a questões de poder político ou ideológico.

Marx muitas vezes foi citado como um crítico mordaz da religião, devido principalmente à sua famosa frase: “a religião é o ópio do povo” (MARX, 1991: 106). Mas veremos que isto não é bem assim.

Marx foi um grande pensador e crítico do sistema capitalista. Suas análises e críticas estão focadas no lucro, na mais-valia, na divisão da sociedade entre burguesia e proletariado, na luta de classes. Portanto, suas principais preocupações estavam focadas nas condições materiais das vidas das pessoas, na concretude do sistema.

Para ele, a forma como a sociedade se organiza para produzir os seus bens materiais, ou seja, a forma de organização do trabalho vai exercer forte influência sobre a forma como as pessoas pensam. Este **pensar** é representado pelo conjunto de valores e conhecimentos impostos pelo Estado e pela religião. Em seu texto “*A questão judaica*”, escrito em 1844, Marx discute a respeito do papel desempenhado por estas instituições no sentido de controlarem e modelarem o pensamento social.

Para Marx, a sociedade civil só terá condições de alcançar a liberdade, ou a “emancipação humana” quando tiver condições de participar efetivamente das decisões políticas do Estado, e por conseguinte alcançar a verdadeira democracia. Mas atenção! Entenda-se democracia não somente em sentido político/eleitoral, como nos ensinaram os liberais do século XVIII, mas sim em seu sentido pleno, **como igualdade na distribuição dos bens socialmente produzidos e materializados na forma de direitos sociais**.

Por esse motivo, podemos afirmar que para Marx, a grande transformação deveria acontecer no modo da sociedade produzir e distribuir seus bens, assim como na presença de um Estado que atendesse aos interesses coletivos, pois uma vez construída uma sociedade justa e igualitária, não haveria mais necessidade das pessoas sonharem com um mundo ideal, ou um paraíso. “Ópio do povo” significa que o povo projeta em seus deuses e no mundo sobrenatural a vida que deseja ter aqui na Terra. Esta forma de pensar leva à resignação, a aceitação das condições de nossa vida como um destino que não pode ser modificado.

Mas Marx demonstra grande compreensão pelas manifestações religiosas quando afirma: “a religião é o coração de um mundo sem coração” (MARX, 1991:106), ou seja, a religião é o único refúgio, o único consolo para aqueles a quem a vida é muito dura e ingrata.

Essa é mais uma forma de compreendermos a religião. Que nos leva à acomodação, à submissão, à aceitação de nosso lugar na sociedade sem questionamentos como nos sugere o ensinamento “é mais fácil um camelo passar num buraco da agulha que um rico entrar no reino dos céus”.

Weber foi um grande estudioso da religião. Empreendeu análises comparativas entre as religiões

orientais e ocidentais, com o objetivo de compreender as razões do desenvolvimento do capitalismo na Europa.

Concluiu que o mundo oriental não oferecia condições para este tipo de organização econômica devido aos seus sistemas religiosos (que veremos adiante), os quais pregavam valores de harmonia com o mundo, de passividade em relação às condições de existência, ao contrário das religiões cristãs que incentivavam o trabalho e a prosperidade.

Na “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”, Weber desenvolve um interessante estudo em que demonstra o quanto os protestantes (em especial os calvinistas) contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo. Esses possuíam um forte espírito empreendedor baseado na crença de que com o trabalho estariam servindo a Deus. O enriquecimento e o sucesso material eram sinais de favorecimento divino.



Esses são, portanto, três possíveis olhares sociológicos sobre a instituição religiosa.

Como já comentamos anteriormente, saber da existência e conhecer outras religiões, além de ampliar nosso universo cultural e nos ensinar a respeitar a diversidade cultural, leva-nos principalmente a compreender melhor nossa própria religião. Sim, porque só nos percebemos como construtores de cultura na medida em que conhecemos a cultura do outro. Quando só conheço o meu mundo este se torna “natural”, ou o único possível!

Importa ressaltar, antes de conhecermos o quadro das religiões, a existência de uma postura filosófica denominada **Ateísmo**. Surge na antiguidade greco-romana e ganha maior espaço à partir do século XVIII, com o surgimento das teorias anarquistas, liberais e socialistas. **Consiste na total ausência de explicação divina para a vida.**

Vamos, em seguida, apresentar as principais religiões que podemos encontrar espalhadas por todo o mundo. Apenas citaremos e apontaremos algumas características de cada uma delas.

Religiões originárias do Extremo-Oriente

Taoísmo

Baseia sua doutrina num livro chamado “Tao Te Ching” – o livro do Tao (ordem do mundo) e do Te (força vital), escrito presumivelmente pelo filósofo chinês Lao Tsé, no séc. VI a. C.



O Taoísmo prega a passividade para se alcançar o Tao, ao contrário do confucionismo que propõe o conhecimento. Para Lao Tsé, o mundo ideal era aquele das antigas aldeias, onde a simplicidade e a ingenuidade criariam as condições propícias para o perfeito equilíbrio entre o Tao e o Te.

Xintoísmo



Trata-se da antiga religião oficial do Japão. Originariamente não possuía um fundador, doutrinas nem dogmas. Estrutura-se por intermédio de um conjunto de mitos e ritos que estabelecem o contato com o divino e explicam a origem do mundo, do Japão e da família imperial japonesa.

O universo xintoísta é povoado por milhares de deuses, denominados kamis – que se manifestam na forma de rios, montanhas, flores, seres humanos,

animais, etc. Kami também pode ser traduzido por espírito, sendo o culto aos ancestrais uma das práticas mais importantes do xintoísmo.

Hinduísmo

São surpreendentes a permanência no tempo e a complexidade desta religião, que perdura há aproximadamente 6 mil anos, e compõe-se de tão grande variedade de cultos e práticas religiosas, que pode ser considerada como um grande conjunto formado por várias pequenas religiões. Mas algumas características unem todos os hinduístas, quais sejam: o sistema de castas, a adoração às vacas e a crença no carma.



A organização da sociedade em castas parte do princípio de que os indivíduos vêm ao mundo já ocupando um lugar na hierarquia social, como resultado de suas encarnações nas vidas passadas. Portanto, este deve cumprir com resignação a função que lhe coube, porque um viver com pureza pode resultar como “prêmio”, uma vida futura numa casta superior.

As quatro castas do hinduísmo são:

- 1º. – os sacerdotes (brâmanes),
- 2º. – guerreiros,
- 3º. – agricultores, comerciantes e artesãos e
- 4º. – os servos.

Um quinto grupo que não é considerado casta são os párias. Cada casta tem suas próprias regras de condutas e suas próprias regras religiosas.

A vaca é considerada um animal sagrado, um símbolo da vida, porque ela supre tudo que é necessário à sobrevivência humana, portanto, não é permitido matá-la.

Budismo

Criado na Índia, pelo príncipe Sidarta Gautama O Buda (o iluminado), por volta do séc. VI a.C.. Este é tratado pelos adeptos do budismo como um guia espiritual, e não um deus. Importa ressaltar que Buda era absolutamente contra o sistema de castas existente na Índia.

Segundo o budismo, o ser humano está condenado à reencarnação após cada morte, e a enfrentar novamente os sofrimentos do mundo (lei do carma). Para encerrar este constante ciclo, deve-se buscar o estado da perfeita iluminação, ou nirvana. Este estado é alcançado por intermédio da meditação e da



contemplação, que corresponde à negação dos desejos – fonte de todos os sofrimentos.

Confucionismo

Foi a doutrina oficial da China durante quase dois mil anos (do séc.II ao início do séc. XX). Criada por Confúcio (Kung Fu Tzu), seus ensinamentos apontam no sentido da busca do caminho do Tao – que seria o equilíbrio e a harmonia entre o universo, a natureza e o indivíduo.



Para alcançar este caminho é necessário o conhecimento e a compreensão, os quais são obtidos por meio do estudo do passado, da tradição. A respeito da vida após a morte, Confúcio não ousava comentar, uma vez que ainda não havíamos compreendido o que é a vida na Terra.

Religiões de origem africana

Citaremos aqui somente as principais religiões afro-brasileiras presentes hoje no Brasil, não esquecendo de que, na África, encontraremos uma grande variedade de religiões – as religiões tradicionais ou tribais.

Candomblé



Originário da África, o candomblé chegou ao Brasil junto com os primeiros escravos africanos, entre os séc. XVI e XVII. Seus deuses são chamados de Orixás e representam as principais nações africanas de

língua iorubá. Suas cerimônias são realizadas em língua africana, acompanhadas de cantos e sons de atabaques. Como esta forma de religião era proibida no Brasil, seus adeptos associaram seus deuses a santos católicos, criando o que se conhece como sincretismo religioso.

Os deuses do candomblé dão proteção às pessoas, mas não determinam como essas devem agir, e não castigam caso essas cometam algo considerado incorreto para a sociedade.

Umbanda



É uma religião brasileira, resultado da fusão de duas religiões africanas: a cabula e o candomblé, e de crenças europeias.

O universo para os umbandistas é habitado por entidades espirituais – os guias, que entram em comunicação com as pessoas por intermédio dos iniciados, ou médiuns. Os guias assumem formas como o caboclo, a pomba-gira, o preto velho e outros. A umbanda se propagou por todas as regiões do Brasil, e é frequentada por pessoas de todas as classes sociais e todas as origens étnicas.

Religiões originárias do Oriente-Médio

As religiões comentadas abaixo adotam a prática do monoteísmo, ou seja, o culto a um único Deus.

Judaísmo



É a mais antiga das três grandes religiões monoteístas, sendo suas origens encontradas há

aproximadamente 1.000 anos a.C. A palavra judeu deriva de Judéia, parte de uma região do antigo reino de Israel. Os judeus creem num único Deus, onipotente, o qual estabeleceu com eles um pacto, uma aliança. Por isso, consideram-se “o povo escolhido por Deus”. O livro sagrado dos judeus é a Torá, que corresponde ao Antigo Testamento dos cristãos, porém organizada de uma forma um pouco diferente.

A vida dos judeus é regida por normas rígidas estabelecidas por Deus. O não-cumprimento dos deveres com Deus e com seus semelhantes implicará em castigos divinos.

Cristianismo

Tem origem no séc. I, na região ocupada hoje pelos atuais Estados de Israel e territórios palestinos. Seus primeiros adeptos são os seguidores de Jesus Cristo e de seus apóstolos.

A doutrina cristã nos ensina que Deus envia à Terra, seu filho Cristo – o salvador, o qual foi morto a favor dos homens que estavam distanciando-se de



Deus. Na sua ressurreição Jesus oferece às pessoas a possibilidade de salvação eterna após a morte, caso essas aceitem seguir seus preceitos de amor a Deus e aos seus semelhantes.

O cristianismo segue a Bíblia, que se divide em Antigo e Novo Testamento.

Islamismo

Sua origem baseia-se nos ensinamentos do profeta Maomé, assim como ocorre com o cristianismo. A palavra **islã** significa submeter-se. Seu deus é chamado **Alá**, e seus seguidores são conhecidos como



muçulmanos (em árabe Muslim, aquele que se subordina a Deus).

O livro sagrado do islamismo é o **Alcorão**, sendo seus principais ensinamentos: onipotência de Deus e a necessidade de bondade, generosidade e justiça entre as pessoas. A maioria dos muçulmanos está concentrada no norte e no leste da África, no Oriente Médio e no Paquistão.

Após elencarmos todo este numeroso rol de religiões e suas subdivisões em igrejas, que aliás não termina aqui, se você pesquisar, certamente encontrará outras ramificações destas religiões ou seitas isoladas e provavelmente você ficará surpreso com a quantidade e a diversidade de manifestações religiosas existentes no mundo.

2.3 A instituição familiar

Pensar sobre família não é algo fácil, pois são muitas as referências que temos sobre essa instituição.

Família é um agrupamento de pessoas cujos membros possuem entre si laços de parentesco, podendo ou não habitarem a mesma casa.

Por exemplo, um pai separado continuará fazendo parte da família de seu filho (mas não de sua ex-mulher), embora esteja morando em outra casa.

Quando uma família é composta por pai, mãe e filhos, ela é chamada de **família nuclear**. Quando outros parentes, como avós ou tios convivem com o casal e seus filhos, temos o que se chama de **família extensa**.

Os laços de parentesco são estabelecidos a partir da consanguinidade ou do casamento. Os casamentos ou uniões conjugais podem ser classificados basicamente de duas formas: **monogâmicos** – é a união de um homem ou de uma mulher com um único cônjuge; e **poligâmicos** – que é a união de um homem ou uma mulher com mais de um cônjuge.

No mundo ocidental, a poligamia é ilegal, embora os meios de comunicação e a literatura vez ou outra nos relatem casos de pessoas que vivem conjugalmente com mais de um marido ou mais de uma esposa.

Na perspectiva da **Sociologia Funcionalista** (Durkheim), a família nuclear é considerada uma unidade fundamental para a organização da sociedade, pois detém as funções de transmitir às crianças as regras básicas da sociedade, bem como de proporcionar estabilidade emocional a seus membros. Mas, para estes sociólogos a grande importância da família refere-se à divisão de tarefas, que permite que um dos adultos saia para trabalhar enquanto o outro cuida da casa e dos filhos.

Hoje, esta interpretação é considerada conservadora, pois pressupõe que a divisão das tarefas domésticas é um dado natural.



Da mesma forma, as funções referentes à educação dos filhos, antes atribuídas somente à família, são cada vez mais divididas com outras instituições como o Estado, a escola e creches, além da forte influência exercida pelos meios de comunicação.

Muito bem! Após estas informações básicas vamos ao que interessa mais especificamente no pensamento sociológico. Ou seja, indagar, questionar, desconstruir o que parece “normal”, ou “natural”, ir na contra-mão de verdades repetidas anos a fio, romper com o que é aparente, e buscar o que está oculto, o que não é visível aos olhos da maioria, mas que pode ser apreendido pelos olhos curiosos da Sociologia.

Antropólogos como Lewis Morgan (1818 - 1881), Bronislaw Malinowski (1884 - 1942), Claude Lévi-Strauss (1908 -), ou cientistas sociais como Friedrich Engels (1820 - 1895), entre outros, buscaram em suas pesquisas as várias combinações criadas pelo ser humano para se organizarem socialmente.

Primeiramente é preciso esclarecer que não há uma escala evolutiva das sociedades humanas que caminham das famílias poligâmicas para as monogâmicas. Essas duas formas básicas de casamento sempre coexistiram em toda a história da sociedade humana, o que indica que não há relação de superioridade ou inferioridade entre elas. Inclusive em alguns grupos sociais verificou-se a existência de ambas no mesmo tempo histórico.

Seria correto afirmar que a família é uma instituição que surge das necessidades naturais do ser humano (a procriação, por exemplo), ou seria também uma construção cultural, embasada em regras e valores?

Esta é uma questão com muitas respostas. O que se sabe, a partir de inúmeros estudos antropológicos é que podemos encontrar, mesmo nos mais remotos grupos humanos, regras que autorizam ou proíbem alguns tipos de união. Por exemplo, não se casar com o irmão, ou com o tio. Esta prática é chamada de **incesto**. Portanto, uma relação incestuosa seria uma relação proibida, ou negada, numa dada sociedade.

Conclui-se daí, que quando o ser humano estabelece tais regras, ele está procurando expandir seu

pequeno grupo, sair de sua família biológica. Vamos a alguns exemplos de agrupamentos familiares distintos dos nossos conhecidos.

Os iroqueses (tribos norte-americanas), estudados por L. Morgan, consideram como seus filhos não somente os seus próprios, mas também os de seus irmãos, os quais também o chamam de pai. Os filhos de suas irmãs, por sua vez, são tratados como sobrinhos. A iroquesa, por sua vez, considera como seus filhos aqueles provenientes de sua irmã, enquanto os filhos de seus irmãos são chamados de sobrinhos. Essas denominações implicam numa série de deveres e de obrigações de cada um dos membros, e que irão configurar o sistema social desses agrupamentos.

Estamos acostumados hoje com o fato de cada filho ter apenas um pai e uma mãe, no entanto, em muitas sociedades é comum que cada filho tenha vários pais e várias mães. Nos casos em que seja praticada a poligamia (pelos homens) e a poliandria (pelas mulheres), os filhos de um e de outros são considerados comuns, e responsabilidade de ambos.

B. Malinowski, em suas pesquisas com os nativos das ilhas Trobriand, um arquipélago de coral situado a nordeste da Nova Guiné, denominados papuamelanésia, verificou que estes constituem-se numa sociedade matrilinear. Isto quer dizer que a mãe é a referência para o estabelecimento das relações de parentesco, e de descendência, assim como cabem às mulheres as maiores responsabilidades nas atividades econômicas, cerimoniais e mágicas. O pai, mesmo acompanhando o crescimento dos filhos, é considerado simplesmente como o marido de sua mãe, não estabelecendo nenhum vínculo maior com estes.

As famílias matrilineares estiveram presentes durante muito tempo em diferentes lugares do mundo, e, segundo F. Engels, o desmoronamento deste tipo de organização familiar está relacionado com a prática do escravismo. O escravismo nas sociedades antigas é decorrência de vitórias ou derrotas nas guerras entre as tribos. Com a vitória, o homem apoderava-se das terras, rebanhos, prisioneiros (futuros escravos), da direção da casa e da mulher, que aos poucos torna-se servidora do homem. Temos aí o gérmen da família patriarcal – aquela em que o homem, o pai, é senhor absoluto de todos que vivem sob o seu domínio. Este, o chefe, permanece vivendo em poligamia, enquanto sua mulher e os outros membros de sua família devem-lhe total fidelidade.

Em sua origem latina, a palavra família provém de *Famulus*, que significa escravo doméstico, e **família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem**. O direito romano conferia ao pai o direito de vida e morte sobre todos que viviam sob suas ordens – esposa, filhos, escravos. Para Marx, “(...)a família moderna contém em seu germe, não apenas a escravidão como também a servidão, pois, desde o começo, está relacionada com os serviços da

agricultura. Encerra em miniatura todos os antagonismos que se desenvolvem, mais adiante, na sociedade e em seu Estado”. (Marx apud Engels, 1978: 62), ou seja, a desigualdade e a opressão da sociedade de classes capitalistas.

Podemos encontrar exemplos de família patriarcal muito próximos de nossa história, no período denominado Brasil Colônia. O protótipo da família patriarcal brasileira é a família latifundiária, embora este modelo possa ser encontrado também nos meios urbanos, entre classes de não-proprietários de terras, como profissionais liberais, comerciantes, militares, etc.

No momento de organizarem suas famílias não havia dúvida de que cabia ao pai o papel principal e determinante de todas as outras relações entre mãe, filhos e empregados.

Na família patriarcal o pai é o grande proprietário das terras, dos bens e das pessoas que habitam suas terras, não importando se estes estão ligados por laços sanguíneos ou não. O pai concentra todas as decisões, sejam referentes aos destinos da terra ou das pessoas, como o chefe de um clã. E todas as ações giram em torno da manutenção da propriedade.

Este tipo de organização familiar faz com que esta se volte somente para si mesma, para seus próprios interesses, sendo a sociedade e o Estado instâncias secundárias. Não há a preocupação com a formação de cidadãos, mas somente de parentes ou agregados preparados para servir aos interesses do patriarca.

As mulheres (esposa e filhas), são figuras quase invisíveis deste tipo de sociedade. Saem pouquíssimas vezes de casa (geralmente em festas religiosas), não aparecem para os visitantes, são proibidas de estudar, envelhecem cedo, pois casam-se ainda meninas (em torno dos 13 – 14 anos), têm vários filhos, praticamente não fazem exercícios (têm escravas para todos os afazeres domésticos). Os maridos para as filhas são escolhidos pelo pai, sendo o principal critério o volume de posses do pretendente. Muitas vezes estas eram obrigadas a casarem-se com homens muito mais velhos, mas já estabelecidos economicamente.

Os filhos, homens, tinham outras funções: ao mais velho cabia herdar e administrar a propriedade paterna, ao segundo cabia seguir a carreira eclesiástica. Constituía-se em motivo de orgulho e quase uma obrigação toda família “de bem”, formar um padre. O terceiro filho deveria prosseguir os estudos na capital ou na Europa, tornando-se “doutor”, provavelmente bacharel em direito ou médico.

Este modelo de família nuclear e patriarcal tornou-se ao longo da história do Brasil sinônimo de honra e respeitabilidade, seguido não só pelas classes mais abastadas, mas também pelas classes médias.

Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro, estudioso da formação da sociedade patriarcal brasileira, assim resume a importância da família colonial:

“A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos. Bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase reina sem governar”. (FREYRE, 2001: 92).

Este tipo de organização familiar exerceu profunda influência na formação social e cultural da população brasileira. O poderio do homem, resultou em atitudes como o machismo, a subserviência da mulher, a educação diferenciada de meninos e meninas, o preconceito e desrespeito contra empregados domésticos, mesmo quando estes não são mais necessariamente escravos.

Trata-se de um modelo forte, que sem dúvida impregnou o pensamento cultural brasileiro, mas que não impediu o desenvolvimento de outras formas de organização familiar.

A instituição familiar é essencialmente dinâmica, e este dinamismo tornou-se muito visível na segunda metade do século XX, não só no Brasil mas em praticamente todo o mundo ocidental.

A família tradicional foi adquirindo contornos nunca antes imaginados. As novas configurações da família levaram a sociedade, e inclusive os cientistas sociais, a anunciarem a falência desta instituição social. Mas não era o fim, e sim a prova da imensa capacidade criativa do ser humano de adequar-se a novas necessidades e novos valores.

Os movimentos feministas que se iniciaram na década de 1950 na Europa, e logo chegaram ao Brasil, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a mudança de valores na criação dos filhos, a quebra de tabus como a virgindade, a criação da pílula anticoncepcional, que propicia maior controle da mulher sobre seu corpo, os movimentos hippies (1960), que pregam o amor livre, a instituição do divórcio (1977) são alguns dos fatores que irão contribuir para as novas configurações de família.

A pesquisadora brasileira Elza Berquó, emprega em seus estudos uma nova terminologia: a de **arranjos familiares**, para denominar estas situações que refletem concepções de vida e estratégias de sobrevivência. Vejamos algumas destas permanências e mudanças.

A família nuclear ainda predomina na sociedade brasileira, apesar do número de filhos ter diminuído consideravelmente. Se em 1940, a média era de 6,2 filhos por mulher, em 1991, caiu para 2,5. O número de divórcios e separações aumentou, como também o das uniões conjugais não-legalizadas. Muitos jovens hoje desejam “experimentar” a vida de casados antes de legalizar a união. Outros optam pela união livre, ou “viver juntos”, sem a preocupação de “prestar contas”

à sociedade ou à Igreja. Apesar do número de pessoas casadas ser majoritária no cenário matrimonial, por outro lado têm decrescido as taxas de uniões legais.

Outro tipo de arranjo que tem crescido nos últimos anos é o de **famílias monoparentais** – quando um dos cônjuges vive com os filhos, com a presença ou não de outros parentes na mesma casa.



Neste tipo de arranjo há um predomínio das mulheres chefes de família (em 1995 representavam 89,6%, em relação à 10,4% de homens na mesma situação). Essas mulheres são hoje predominantemente separadas ou divorciadas, o que não ocorria na década de 1970, quando eram principalmente viúvas.

São muitos os fatores que contribuem para esta prevalência das mulheres chefes de famílias. Junto com o aumento do número de separações e divórcios, temos, historicamente, o fato de que as chances de recasamento das mulheres no Brasil são mais baixas que as dos homens, seja pelo fato do número de mulheres ser superior ao número de homens, seja pela tradição masculina de se casar com mulheres mais jovens. Outro fator refere-se à mortalidade masculina que é superior e mais precoce do que entre as mulheres, resultando, portanto, em muito mais viúvas do que viúvos (hoje a expectativa de vida entre os homens está em ascensão). Cabe também lembrar o aumento do número de mães solteiras nos últimos anos.

Um aspecto que caracterizou durante muito tempo este arranjo familiar e que hoje está se modificando, era seu atrelamento com a situação econômica da mulher. A pobreza parece estar nas causas e nas consequências desta situação de comando da família pela mulher.

É muito mais frequente encontrarmos nas camadas populares mulheres solteiras, viúvas ou separadas. A falta de dinheiro atinge de formas diferentes homens e mulheres. O homem tende muito mais a atitudes como sair de casa em busca de alternativas de trabalho – muitas vezes parte para outras terras e nunca mais retorna; acabando por perder o rumo de casa. Os conflitos constantes com a esposa devido às dificuldades em manter a família, algumas vezes chegam à violência, e também os levam a desistir, a abandonar o lar; isto sem contar os acidentes, sejam

de trabalho, de trânsito, ou brigas de rua, que atingem muito mais os homens.

Essas são algumas justificativas para o alto número de mulheres chefes de família entre as camadas populares. Mas essa situação está se modificando, e pode-se observar que o crescimento desse tipo de arranjo familiar tem atingido também mulheres das camadas médias. Essas cada vez mais têm obtido independência financeira suficiente para não manterem casamentos desequilibrados e instáveis. A antiga preocupação em não desfazer a família para manter as aparências tem deixado de existir.

Todas essas mudanças apontadas acima têm resultado em importantes modificações nos padrões de comportamento dos membros das famílias. A mulher, uma vez que desempenha papel fundamental no orçamento familiar, não aceita mais submeter-se aos desmandos do marido. Os filhos, por sua vez, conquistam mais voz e espaço para opinar e, principalmente, decidir os rumos da própria vida.

A hierarquia tão presente nas famílias tem aos poucos sido substituída por relações mais democráticas. Se há meio século podíamos afirmar que a instituição familiar se sobrepuja ao indivíduo, ignorando sua vida privada e seus anseios, hoje o indivíduo tem mais condições de impor suas vontades no núcleo familiar, seja qual for sua posição. E permanece na família se esta lhe oferecer segurança, afeto e, principalmente, não interferir em sua vida privada. Caso contrário este irá procurar outros espaços e outras formas de relacionamento social.

Falamos até aqui de famílias de sociedades tribais e de sociedades capitalistas. Mas se pesquisarmos a respeito de sistemas sociais distintos do capitalismo, como o socialismo e o anarquismo, iremos conhecer formas muito interessantes de conceber a instituição familiar.

Os adeptos do pensamento anarquista colocam-se contra todo e qualquer tipo de poder autoritário, que tenha como objetivos regulamentar e controlar a vida do indivíduo. Propõem, portanto, a abolição do Estado e do governo, não importando quais fossem as suas formas; da Igreja, de qualquer credo religioso; do exército, das prisões, das escolas, tal como são organizadas, e também da família.

Não eram contrários à existência da família, mas críticos da família legal, submetida aos desmandos da lei, do Estado e da Igreja. Os anarquistas criticavam principalmente o tratamento dado à mulher dentro do casamento e da família. A mulher tratada como propriedade do homem, como animal doméstico, submissa às vontades e caprichos dos filhos.

Numa sociedade libertária, homens e mulheres teriam os mesmos direitos e deveres, e jamais a vida conjugal e familiar poderia ser embasada na autoridade de um dos cônjuges. Segundo Malatesta “(...)homens e mulheres na condição de seres humanos igualmente

livres poderão, no futuro, celebrar uniões amorosas livremente, sem qualquer ingerência legal ou clerical, e o casamento consumado com base exclusivamente no amor recíproco deverá durar tanto quanto dure o amor”.

Portanto, o movimento anarquista não colocava-se contra a família natural, mas sim da família legal, “(...)fundada sobre o direito civil e sobre a propriedade, ao passo que o casamento religioso e civil seria substituído pelo casamento livre”.

Pois bem pessoal! Novamente falamos do amor como um sentimento que permeia as relações familiares. Além dos jovens heterossexuais que buscam este tipo de casamento hoje, também não podemos omitir o crescente número de relacionamentos estáveis entre casais homossexuais. Estes casamentos estão quase sempre calcados na confiança e no compromisso mútuo, uma vez que poucos países reconhecem a legalidade destas uniões.

Os grupos organizados de homossexuais têm obtido importantes conquistas referentes à adoção de filhos e à permissão da utilização de técnicas de inseminação artificial. Essas conquistas são o anúncio do aumento da tolerância por parte da sociedade e do Estado, assim como da consolidação de valores como o respeito às diferenças.

3. As relações entre indivíduo e sociedade

Entre os estudiosos que se preocuparam em analisar a relação do indivíduo com a sociedade, destacam-se autores clássicos da Sociologia, como Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber, Nobert Elias e Pierre Bourdieu.

Examinaremos as diferentes perspectivas adotadas por esses autores para analisar o processo de constituição da sociedade e a maneira como os indivíduos se relacionam.

Karl Marx, os indivíduos e as classes sociais

Para Marx, os indivíduos devem ser analisados de acordo com o contexto de suas condições e situações sociais, já que produzem sua existência em grupo. O homem primitivo, segundo ele, diferenciava-se dos outros animais não apenas pelas características biológicas, mas também por aquilo que realizava no espaço e na época em que vivia. Caçando, defendendo-se e criando instrumentos, os indivíduos construíram sua história e sua existência no grupo social.

Ainda segundo Marx, a ideia de indivíduo isolado só apareceu efetivamente na sociedade de livre concorrência, ou seja, no momento em que as condições históricas criaram os princípios da sociedade capitalista.

Tomemos um exemplo simples dessa sociedade. Quando um operário é aceito numa empresa, assina um contrato do qual consta que deve trabalhar tantas horas por dia e por semana e que tem determinados deveres e direitos, além de um salário mensal.

Nesse exemplo, existem dois indivíduos se relacionando: o operário, que vende sua força de trabalho, e o empresário, que compra essa força de trabalho. Aparentemente se trata de um contrato de compra e venda entre iguais. Mas só aparentemente, pois o “vendedor” não escolhe onde nem como vai trabalhar.

As condições já estão impostas pelo empresário e pelo meio social. Essa relação entre os dois, no entanto, não é apenas entre indivíduos, mas também entre classes sociais: a operária e a burguesa. Eles só se relacionam, nesse caso, por causa do trabalho: o empresário precisa da força de trabalho do operário e este precisa do salário. As condições que permitem esse relacionamento são definidas pela luta que se estabelece entre as classes, com a intervenção do Estado, por meio das leis, dos tribunais ou da polícia.

Essa luta vem se desenvolvendo há mais de duzentos anos em muitos países e nas mais diversas situações, pois empresários e trabalhadores têm interesses opostos. O Estado aparece aí para tentar reduzir o conflito, criando leis que, segundo Marx, normalmente são a favor dos capitalistas.

O foco da teoria de Marx está, assim, nas classes sociais, embora a questão do indivíduo também esteja presente. Isso fica claro quando Marx afirma que os seres humanos constroem sua história, mas não da maneira que querem, pois existem situações anteriores que condicionam o modo como ocorre a construção. Para ele, existem condicionantes estruturais que levam o indivíduo, os grupos e as classes para determinados caminhos; mas todos têm capacidade de reagir a esses condicionamentos e até mesmo de transformá-los.

Marx se interessou por estudar as condições de existência de homens reais na sociedade. O ponto central da sua análise está nas relações estabelecidas em determinada classe e entre as diversas classes que compõem a sociedade. Para ele, só é possível entender as relações dos indivíduos com base nos antagonismos, nas contradições e na complementaridade entre as classes sociais. Assim, de acordo com Marx, a chave para compreender a vida social contemporânea está na luta de classes, que se desenvolve à medida que homens e mulheres procuram satisfazer suas necessidades, “oriundas do estômago ou da fantasia”.

Os indivíduos e a história

A *História* não faz nada, “não possui *nenhuma* riqueza imensa”, “não luta *nenhum* tipo de luta”! Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o

homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a “História”, que utiliza o homem como meio para alcançar *seus* fins — como se se tratasse de uma pessoa à parte —, pois a História *não ésenão* a atividade do homem que persegue seus objetivos.

Marx, Karl e Engels, Friedrich. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 111.

Émile Durkheim, as instituições e o indivíduo

Para o fundador da escola francesa de Sociologia, a sociedade sempre prevalece sobre o indivíduo, dispondo de certas regras, normas, costumes e leis que asseguram sua perpetuação. Essas regras e leis independem do indivíduo e pairam acima de todos, formando uma *consciência coletiva* que dá o sentido de integração entre os membros da sociedade.

Elas se solidificam em instituições, que são a base da sociedade e que correspondem, nas palavras de Durkheim, a “toda crença e todo comportamento instituído pela coletividade”.

A família, a escola, o sistema judiciário e o Estado são exemplos de instituições que congregam os elementos essenciais da sociedade, dando-lhe sustentação e permanência. Durkheim dava tanta importância às instituições que definia a Sociologia como “a ciência das instituições sociais, de sua gênese e de seu funcionamento”.

Para não haver conflito ou desestruturação das instituições e, conseqüentemente, da sociedade, a transformação dos costumes e normas nunca é feita individualmente, mas vagarosamente ao longo de gerações e gerações.

A força da sociedade está justamente na herança passada por intermédio da educação às gerações futuras. Essa herança são os costumes, as normas e os valores que nossos pais e antepassados deixaram. Condicionado e controlado pelas instituições, cada membro de uma sociedade sabe como deve agir para não desestabilizar a vida comunitária; sabe também que, se não agir da forma estabelecida, será repreendido ou punido, dependendo da falta cometida.

O sistema penal é um bom exemplo dessa prática. Se algum indivíduo comete determinado crime, deve ser julgado pela instituição competente — o sistema judiciário —, que aplica a penalidade correspondente. O condenado é retirado da sociedade e encerrado em uma prisão, onde deve ser reeducado (na maioria das vezes não é isso o que acontece) para ser reintegrado ao convívio social.

Diferentemente de Marx, que vê a contradição e o conflito como elementos essenciais da sociedade, Durkheim coloca a ênfase na coesão, integração e manutenção da sociedade. Para ele, o conflito existe basicamente pela *anomia*, isto é, pela ausência ou insuficiência da normatização das relações sociais, ou

por falta de instituições que regulamentem essas relações.

Ele considera o processo de socialização um fato social amplo, que dissemina as normas e valores gerais da sociedade — fundamentais para a socialização das crianças — e assegura a difusão de ideias que formam um conjunto homogêneo, fazendo com que a comunidade permaneça integrada e se perpetue no tempo.

A sociedade, a educação e os indivíduos

[...] cada sociedade, considerada num momento determinado do seu desenvolvimento, tem um sistema de educação que se impõe aos indivíduos como uma força geralmente irresistível. É inútil pensarmos que podemos criar os nossos filhos como queremos. Há costumes com os quais temos que nos conformar; se os infringimos, eles vingam-se em nossos filhos. Estes, uma vez adultos, não se encontrarão em condições de viver no meio dos seus contemporâneos, com os quais não estão em harmonia. Quer tenham sido criados com ideias muito arcaicas ou muito prematuras, não importa; tanto num caso como noutro, não são do seu tempo e, por conseguinte, não estão em condições de vida normal.

Há pois, em cada momento do tempo, um tipo regulador de educação de que não podemos desligar sem chocar com as vivas resistências que reprimem as veleidades das dissidências.

Durkheim, Émile. *Educação e sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 47.

Max Weber, o indivíduo e a ação social

Diferentemente de Durkheim, Weber tem como preocupação central compreender o indivíduo e suas ações. Por que as pessoas tomam determinadas decisões? Quais são as razões para seus atos?

Segundo esse autor, a sociedade existe concretamente, mas não é algo externo e acima das pessoas, e sim o conjunto das ações dos indivíduos relacionando-se reciprocamente. Assim, Weber, partindo do indivíduo e de suas motivações, pretende compreender a sociedade como um todo.

O conceito básico para Weber é o de *ação social*, entendida como o ato de se comunicar, de se relacionar, tendo alguma orientação quanto às ações dos outros. “Outros”, no caso, pode significar tanto um indivíduo apenas como vários, indeterminados e até desconhecidos.

Como o próprio Weber exemplifica, o dinheiro é um elemento de intercâmbio que alguém aceita no processo de troca de qualquer bem e que outro indivíduo utiliza porque sua ação está orientada pela expectativa de que outros tantos, conhecidos ou não,

estejam dispostos a também aceitá-lo como elemento de troca.

Seguindo esse raciocínio, Weber declara que a ação social não é idêntica a uma *ação homogênea* de muitos indivíduos. Ele dá um exemplo: quando estão caminhando na rua e começa a chover, muitas pessoas abrem seus guarda-chuvas ao mesmo tempo. A ação de cada indivíduo não está orientada pela dos demais, mas sim pela necessidade de proteger-se da chuva.

Weber também diz que a ação social não é idêntica a uma *ação influenciada*, que ocorre muito frequentemente nos chamados fenômenos de massa.

Quando há uma grande aglomeração, quando se reúnem muitos indivíduos por alguma razão, estes agem influenciados por comportamentos grupais, isto é, fazem determinadas coisas porque todos estão fazendo.

Max Weber, ao analisar o modo como os indivíduos agem e levando em conta a maneira como eles orientam suas ações, agrupou as ações individuais em quatro grandes tipos, a saber: *ação tradicional*, *ação afetiva*, *ação racional com relação a valores* e *ação racional com relação a fins*.

A ação tradicional tem por base um costume arraigado, a tradição familiar ou um hábito. É um tipo de ação que se adota quase automaticamente, reagindo a estímulos habituais. Expressões como “Eu sempre fiz assim” ou “Lá em casa sempre se faz deste jeito” exemplificam tais ações.

A ação afetiva tem por fundamento os sentimentos de qualquer ordem. O sentido da ação está nela mesma. Age afetivamente quem satisfaz suas necessidades, seus desejos, sejam eles de alegria, de gozo, de vingança, não importa. O que importa é dar vazão às paixões momentâneas. Age assim aquele indivíduo que diz: “Tudo pelo prazer” ou “O principal é viver o momento”.

A ação racional com relação a valores fundamenta-se em convicções, tais como o dever, a dignidade, a beleza, a sabedoria, a piedade ou a transcendência de uma causa, qualquer que seja seu gênero, sem levar em conta as consequências previsíveis. O indivíduo age baseado naquelas convicções e crê que tem certo “mandado” para fazer aquilo. Se as consequências forem boas ou ruins, prejudiciais ou não, isso não importa, pois ele age de acordo com aquilo em que acredita. Age dessa forma o indivíduo que diz: “Eu acredito que a minha missão aqui na Terra é fazer isso” ou “O fundamental é que nossa causa seja vitoriosa”.

A ação racional com relação a fins fundamenta-se numa avaliação da relação entre meios e fins. Nesse tipo de ação, o indivíduo pensa antes de agir em uma dada situação. Age dessa forma o indivíduo que programa, pesa e mede as consequências, e afirma: “Se eu fizer isso ou aquilo, pode acontecer tal ou qual coisa; então, vamos ver qual é a melhor alternativa” ou “creio que seja melhor conseguir tais elementos para

podermos atingir aquele alvo, pois, do contrário, não conseguiremos nada e só gastaremos energia e recursos”.

Para Weber, esses tipos de ação social não existem em estado puro, pois os indivíduos, quando agem no cotidiano, mesclam alguns ou vários tipos de ação social. São “tipos ideais”, construções teóricas utilizadas pelo sociólogo para analisar a realidade.

Como se pode perceber, para Weber, ao contrário do que defende Durkheim, as normas, os costumes e as regras sociais não são algo externo ao indivíduo, mas estão internalizados, e, com base no que traz dentro de si, o indivíduo escolhe condutas e comportamentos, dependendo das situações que se lhe apresentam. Assim, as relações sociais consistem na probabilidade de que se aja socialmente com determinado sentido, sempre numa perspectiva de *reciprocidade* por parte dos outros.

Sobre a ação social

A ação social (incluindo tolerância ou omissão) orienta-se pela ação de outros, que podem ser passadas, presentes ou esperadas como futuras (vingança por ataques anteriores, réplica a ataques presentes, medidas de defesa diante de ataques futuros).

Os "outros" podem ser individualizados e conhecidos ou então uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos (o "dinheiro", por exemplo, significa um *bem* — de troca — que o agente admite no comércio porque sua ação está orientada pela expectativa de que outros muitos, embora indeterminados e desconhecidos, estarão dispostos também a aceitá-lo, por sua vez, numa troca futura).

[...] Nem toda espécie de contato entre os homens é de caráter social; mas somente uma ação, com sentido próprio, dirigida para a ação de outros. Um choque de dois ciclistas, por exemplo, é um simples evento, como um fenômeno natural. Por outro lado, haveria ação social na tentativa dos ciclistas se desviarem, ou na briga ou considerações amistosas subsequentes ao choque.

Weber, Max. Ação social e relação social. In: Foracchi, Marialice Mencarini, Martins, J. de Souza. *Sociologia e sociedade*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 139.

Norbert Elias e Pierre Bourdieu: a sociedade dos indivíduos

Já vimos anteriormente que para Marx, o foco recai sobre os indivíduos inseridos nas classes sociais. Para Durkheim, o fundamental é a sociedade e a integração dos indivíduos nela. Para Weber, os indivíduos e suas ações são os elementos constitutivos da sociedade.

Apesar das perspectivas diferentes, todos buscaram explicar o processo de constituição da

sociedade e a maneira como os indivíduos se relacionam, procurando identificar as ações e instituições fundamentais.

Dois autores contemporâneos analisaram a relação entre indivíduo e sociedade procurando integrar esses polos: o sociólogo alemão Norbert Elias e o francês Pierre Bourdieu. Vamos conhecer a seguir os principais conceitos que ambos construíram.

O conceito de configuração

De acordo com o sociólogo alemão Norbert Elias (1897- 1990), é comum distanciarmos indivíduo e sociedade quando falamos dessa relação, pois parece que julgamos impossível haver, ao mesmo tempo, bem-estar e felicidade individual e uma sociedade livre de conflitos. De um lado está o pensamento de que as instituições — família, escola e Estado — devem estar a serviço da felicidade e do bem-estar de todos; de outro, a ideia da unidade social acima da vida individual.

As distinções entre indivíduo e sociedade levam a pensar que se trata de duas coisas separadas, como mesas e cadeiras, tachos e panelas. Ora, é somente nas relações e por meio delas que “os indivíduos podem possuir características humanas, como falar, pensar e amar”, como diz Elias em seu livro *A sociedade dos indivíduos*. E poderíamos complementar declarando que só é possível trabalhar, estudar e divertir-se em uma sociedade que tenha história, cultura e educação, e não isoladamente.

Para explicar melhor o que afirma e superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade, Elias criou o conceito de *configuração* (ou *figuração*). É uma ideia que nos ajuda a pensar nessa relação de forma dinâmica, como acontece na realidade.

Tomemos um exemplo: se quatro pessoas se sentam em volta da mesa para jogar baralho, formam uma configuração, pois o jogo é uma unidade que não pode ser vista sem os participantes e sem as regras. Sozinho, nenhum deles consegue jogar; juntos, cada um tem sua própria estratégia para seguir as regras e vencer.

Vamos citar um exemplo mais brasileiro. Em um jogo de futebol, temos outra configuração, ou seja, há um conjunto de “eus”, de “eles”, de “nós”. Um time de futebol é composto de vários “eus” — os jogadores —, que têm um objetivo único ao disputar com os do outro time. Há também as regras que devem ser levadas em conta e a presença de um juiz e dos bandeirinhas, que lá estão para marcar as possíveis infrações.

Além disso, há a torcida, que também faz parte do jogo e congrega vários outros indivíduos com interesses diferentes, mas que, nessa configuração, têm um objetivo único: torcer para que seu time vença.

Assim, há um fluxo contínuo durante o jogo, que só pode ser entendido nesse contexto, nessa configuração. Essa relação acontece entre os jogadores, entre eles e a torcida, entre eles e o técnico, entre os

torcedores, e entre todos e as regras, os juízes, os bandeirinhas, os técnicos e os gandulas. Fora desse contexto, não há jogo de futebol, apenas pessoas, que viverão outra configuração, em outros momentos. No grupo social é assim: não há separação entre indivíduo e sociedade.

Tudo deve ser entendido de acordo com o contexto; caso contrário, perdem-se a dinâmica da realidade e o poder de entendimento.

O conceito de configuração pode ser aplicado a pequenos grupos ou a sociedades inteiras, constituídas de pessoas que se relacionam. Esse conceito chama a atenção para a interdependência entre as pessoas. Por isso, Elias utiliza a expressão *sociedade dos indivíduos*, realçando a unidade, e não a divisão.

O conceito de *habitus*

Habitus é outro conceito utilizado por Norbert Elias. É muito interessante porque, além de esclarecedor, estabelece uma ligação entre o pensamento de Elias e o do francês Pierre Bourdieu (1930-2002). Para Elias, *habitus* é algo como uma segunda natureza, ou melhor, um saber social incorporado durante nossa vida em sociedade. Ele afirma que o destino de uma nação, ao longo dos séculos, fica sedimentado no *habitus* de seus membros.

É algo que muda constantemente, mas não rapidamente, e, por isso, há equilíbrio entre continuidade e mudança.

A preocupação de Bourdieu, ao retomar o conceito de *habitus*, era a mesma de Elias: ligar teoricamente indivíduo e sociedade. Não há diferença entre o que Elias e Bourdieu pensam em termos gerais, apenas na maneira de propor a questão. Para Bourdieu, o *habitus* se apresenta como social e individual ao mesmo tempo, e refere-se tanto a um grupo quanto a uma classe e, obrigatoriamente, também ao indivíduo.

A questão fundamental para ele é mostrar a articulação entre as condições de existência do indivíduo e suas formas de ação e percepção, dentro ou fora dos grupos. Dessa maneira, seu conceito de *habitus* é o que articula práticas cotidianas — a vida concreta dos indivíduos — com as condições de classe de determinada sociedade, ou seja, a conduta dos indivíduos e as estruturas mais amplas. Fundem-se as condições objetivas com as subjetivas.

Para Bourdieu, o *habitus* é estruturado por meio das instituições de socialização dos agentes (a família e a escola, principalmente), e é aí que a ênfase na análise do *habitus* deve ser colocada, pois são essas primeiras categorias e valores que orientam a prática futura dos indivíduos. Esse seria o *habitus* primário, por isso mais duradouro — mas não congelado no tempo.

À medida que se relaciona com pessoas de outros universos de vida, o indivíduo desenvolve um *habitus* secundário não contrário ao anterior, mas

indissociável daquele. Assim vai construindo um *habitus* individual conforme agrega experiências continuamente. Isso não significa que será uma pessoa radicalmente diferente da que era antes, pois se modifica sem perder suas marcas de origem, de seu grupo familiar ou da classe na qual nasceu. Os conceitos e valores dos indivíduos (sua subjetividade), segundo Bourdieu, têm uma relação muito intensa com o lugar que ocupam na sociedade. Não há igualdade de posições, pois se vive numa sociedade desigual.

Por exemplo, no Brasil, teoricamente, todos podem ingressar na universidade, mas, de fato, as chances de que isso aconteça são remotas, porque há condições objetivas e subjetivas que criam um impedimento: a falta de vagas, as deficiências do ensino básico, um vestibular que elimina a maioria ou um pensamento como este: “Não adianta nem tentar, pois não vou conseguir”. Ou este: “Para que ingressar em um curso superior se depois não terei possibilidade de exercer a profissão?”

Como se pode perceber, a Sociologia oferece várias possibilidades teóricas para a análise da relação entre indivíduo e sociedade. Esse é apenas um exemplo de como os sociólogos trabalham. Muitos autores analisam as mesmas questões e propõem alternativas a fim de que se possa escolher a perspectiva mais apropriada para examinar a realidade em que se vive e buscar respostas para as perguntas que se fazem. A diversidade de análises é um dos elementos essenciais do pensamento sociológico.

Habitus, o que é isso?

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas — o que o operário come, e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro.

Bourdieu, Pierre. *Razões práticas*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1996. p. 22.

QUESTÕES

1. Nas comunidades, os indivíduos estão envolvidos como pessoas completas, que podem satisfazer todos os seus objetivos no grupo. Nas sociedades, os indivíduos também se encontram envolvidos entre si; mas a busca da realização de certos fins comuns é específica e parcial. Uma comunidade é unida por um acordo de sentimentos ou emoções entre pessoas, ao passo que a associação é unida por um acordo racional de interesses.

Com base nesses conceitos, é CORRETO afirmar:

a) na sociedade, existe uma variedade de grupos e interesses muitas vezes conflituosos; a relativa uniformidade de pensamento é em geral substituída por uma enorme variedade de interesses e ideias divergentes.

b) nas comunidades, os indivíduos precisam enquadrar-se numa complexa estrutura social, em que ocupam determinado status e desempenham muitos papéis diferentes e frequentemente sem ligação entre si.

c) a proximidade física entre as pessoas que a vida em sociedade proporciona, permite vínculos mais significativos entre elas e, portanto, um maior sentimento de solidariedade.

d) o declínio da importância da família, a extensão da burocracia, o enfraquecimento das tradições e o papel diminuído da religião na vida cotidiana são características da comunidade.

2. (UEL 2007) “Socialização significa o processo pelo qual um indivíduo se torna um membro ativo da sociedade em que nasceu, isto é, comporta-se de acordo com seus folkways e mores [...]. Há pouca dúvida de que a sociedade, por suas exigências sobre os indivíduos determina, em grande parte, o tipo de personalidade que predominará. Naturalmente, numa sociedade complexa como a nossa, com extrema heterogeneidade de padrões, haverá consideráveis variações. Seria, portanto, exagerado dizer que a cultura produz uma personalidade totalmente estereotipada. A sociedade proporciona, antes, os limites dentro dos quais a personalidade se desenvolverá”.

KOENIG, S. Elementos de Sociologia. Tradução de Vera Borda, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967, p. 70-75.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, é correto afirmar:

a) Existe uma interação entre a cultura e a personalidade, o que faz com que as individualidades sejam influenciadas de diferentes modos e graus pelo ambiente social.

b) Apesar de os indivíduos se diferenciarem desde o nascimento por dotes físicos e mentais, desenvolvem personalidades praticamente idênticas por conta da influência da sociedade em que vivem.

c) A sociedade impõe, por suas exigências, aprovações e desaprovações, o tipo de personalidade que o indivíduo terá.

d) O indivíduo já nasce com uma personalidade que dificilmente mudará por influência da sociedade ou do meio ambiente.

e) São as tendências hereditárias e não a sociedade que determinam a personalidade do indivíduo.

3. (UEM 2008) A sociologia comporta diferentes explicações sobre os fenômenos sociais. Assinale a(s) alternativa(s) cujas afirmações correspondem somente a explicações sociológicas sobre o fenômeno da religiosidade.

01) As religiões podem ser compreendidas como instrumentos de regulação e de controle das atividades dos membros da sociedade. Desse modo, elas são dotadas de força coercitiva.

02) Os sistemas religiosos exercem uma função importante no processo de socialização, ou seja, na assimilação pelos indivíduos dos valores e das normas que regem sua sociedade.

04) O fenômeno religioso não pode ser considerado um fenômeno cultural, já que possui leis muito próprias de funcionamento.

08) De acordo com algumas teorias, as religiões expressam visões ideológicas sobre a vida em sociedade que são fundamentais para a dominação de uma classe social sobre a outra.

16) As práticas religiosas não se constituem tema de investigação sociológica, já que dizem respeito a escolhas e a experiências particulares. Ou seja, elas se definem como um fenômeno individual.

4. (UEM 2008) Considerando o que afirmam as teorias sociológicas sobre as instituições sociais, assinale o que for **correto**.

01) Elas tratam somente das instituições, portanto não consideram nem reconhecem as responsabilidades pessoais dos indivíduos que interagem na sociedade.

02) Compreendem que organizações sociais, como a família e a tribo, expressam exclusivamente a vontade do líder da nação ou de um grupo social específico.

04) Entendem que as instituições que vigoram na sociedade são interdependentes, porém uma alteração em uma instituição jamais provoca modificações nas demais.

08) Algumas delas consideram que as instituições sociais são expressões dos valores morais vigentes em uma determinada sociedade.

16) Não definem as religiões afro-brasileiras como instituições sociais, pois elas não estão relacionadas à necessidade física alguma do ser humano.

5. (UEM 2008) “A Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) reviu o conceito de

família e, agora, passa a conceder financiamento para casais homossexuais, solitários com mais de 25 anos, famílias mononucleares (pais e mães solteiros) e anaparentais, como avós e netos, tios e sobrinhos, irmãos ou primos, além de uniões baseadas não no parentesco, mas na ligação afetiva. Até então, a CDHU só aceitava como beneficiários de seus programas homens e mulheres casados ou registrados em uma união estável.”

(Jornal *O Estado de São Paulo*, Caderno Cidades, 09/08/2008). Assinale o que for **correto** sobre esse trecho de reportagem e o tema do qual ele trata.

01) As informações da reportagem autorizam afirmar que a instituição familiar diminuiu sua importância nas sociedades contemporâneas.

02) As mudanças descritas na reportagem mostram que, diferentemente do que afirmam muitas teorias sociológicas, a família deixou de ser a primeira instituição à qual os indivíduos pertencem.

04) A reportagem sobre os novos critérios utilizados pela CDHU para financiar moradias é reveladora do quanto as regras que autorizam ou proíbem determinados tipos de uniões familiares variam no espaço e no tempo.

08) Os novos conceitos de família utilizados pela CDHU permitem concluir que a função reprodutiva está deixando de caracterizar, centralmente, a instituição familiar.

16) Podemos concluir da reportagem que as transformações pelas quais a sociedade vem passando forçam o Estado, muitas vezes, a rever seus critérios de distribuição de recursos públicos e de acesso a serviços.

6. (UEM 2008) “Desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente físico, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas. Além disso, os componentes não sociais das experiências da criança estão entremeados e são modificados por outros componentes, ou seja, pela experiência social.”

(BERGER, Peter L. e BERGER, Brigitte. “Socialização: como ser um membro da sociedade”. In FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 200).

Podemos concluir do texto que

01) os indivíduos, desde o nascimento, são influenciados pelos valores e pelos costumes que caracterizam sua sociedade.

02) a relação que a criança estabelece com o seu corpo não deveria ser do interesse das ciências biológicas, mas apenas da sociologia.

04) o fenômeno tratado pelo autor corresponde ao conceito de socialização, que designa o aprendizado, pelos indivíduos, das regras e dos valores sociais.

08) as experiências individuais, até mesmo aquelas que parecem mais relacionadas às nossas necessidades físicas, contêm dimensões sociais.

16) o desconforto físico que uma criança sente, como a fome, o frio e a dor, pode receber dos adultos distintas respostas de satisfação, dependendo da sociedade na qual eles estão inseridos.

7. (UEM 2008) Considerando as abordagens sociológicas sobre a temática “religião”, assinale o que for **correto**.

01) O Taoísmo, o Xintoísmo, o Hinduísmo e o Budismo são religiões originárias do Extremo Oriente. O Candomblé e a Umbanda são seitas que nasceram na África.

02) O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo são religiões chamadas de monoteístas por cultuarem um único Deus. As três têm origem no Oriente Médio.

04) O ateísmo é uma postura filosófica que consiste na adoção de explicações para a vida que dispensam qualquer causalidade divina. Surgiu na Antiguidade greco-romana e ganhou força no século XVIII, com a difusão das teorias anarquistas, liberais e socialistas.

08) Podemos encontrar, no Brasil, atualmente, seguidores do Candomblé e da Umbanda em todas as classes sociais. Desde o período colonial, os brasileiros mantêm contato com essas religiões, que passaram por períodos de maior aceitação e outros de rejeição social.

16) O Torá, a Bíblia e o Alcorão são, respectivamente, os livros sagrados dos seguidores do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo.

8. (UEM 2009) “O lado dramático e cruel da situação educacional brasileira está exatamente aí. O homem da camada social dominante tira proveito das deformações de sua concepção de mundo. Ao manter a ignorância, preserva sua posição de mando, com os privilégios correspondentes. O mesmo não sucede com o homem do Povo. As deformações de sua concepção de mundo atrelam-no, indefinidamente, a um estado de incapacidade, miséria e subserviência. Transformar essa condição humana, tão negativa para a sociedade brasileira, não poderia ser uma tarefa exclusiva das escolas. Todo o nosso mundo precisaria reorganizar-se, para atingir-se esse fim. No entanto, é sabido que as escolas teriam uma contribuição específica a dar, como agências de formação do horizonte intelectual dos homens.”

(FERNANDES, Florestan. Educação e Sociedade no Brasil. In: TOMAZI, Nelson. *Sociologia para o Ensino Médio*. São Paulo: Atual, 2007, p. 155-156.)

Considerando o que diz o trecho acima e as características da “instituição escolar”, assinale o que for **correto**.

01) A escola é a instituição social responsável por promover, por meio da reorganização intelectual das classes dominantes, a transformação social.

02) As diferenças culturais existentes na sociedade de classes favorecem as camadas dominantes que encontram, na escola, o reforço e a valorização de conhecimentos já compartilhados no espaço familiar.

04) O homem do povo encontra, na escola, um espaço de valorização dos seus saberes, os quais se transformam em um componente fundamental de ingresso no mercado de trabalho na sociedade capitalista.

08) Em uma sociedade de classes, os filhos das classes dominantes e populares desenvolvem, por meio da educação escolar, as mesmas competências e habilidades.

16) Quando assumem a responsabilidade de agir sobre a formação intelectual humana, as escolas têm um alto potencial transformador.

9. (UEM 2009) Ao refletir sobre a religião como fenômeno social, assinale o que for **correto**.

01) Formas de religião e vestígios de religiosidade são encontrados entre todos os povos e culturas. Eles se manifestam em cultos relativos à vida, à natureza e aos mortos ou em sistemas de explicação para a existência humana e do universo.

02) O sagrado não é uma categoria restrita à religião, podendo manifestar-se em outros fenômenos simbólicos da vida social.

04) A superioridade do cristianismo sobre outras expressões religiosas pode ser demonstrada pelo seu domínio e importância entre os povos do Ocidente.

08) A umbanda não pode ser considerada um sistema religioso, afinal tal classificação não reconhece como sagrado cultos miscigenados ou híbridos.

16) Os princípios religiosos do Islã determinam o Oriente Médio como território sagrado, sendo proibida essa prática religiosa em outros territórios do globo, considerados pelos muçulmanos como espaços profanos e impuros.

10. (UEM 2009) Considerando seus conhecimentos sobre a temática “instituições sociais”, assinale o que for **correto**.

01) As escolas, as igrejas e as famílias podem ser consideradas instituições sociais que exercem formas de coerção sobre os indivíduos. Elas pressionam pelo cumprimento de valores preestabelecidos.

02) As instituições sociais direcionam as ações dos indivíduos no sentido de organizarem, disciplinarem e controlarem suas condutas, mas também são flexíveis ao ponto de incorporarem as transformações, mesmo que elas não gerem grandes rupturas no modelo de sociedade.

04) A escola é uma instituição social regida por normas e por regras que eliminam os conflitos na adoção dos projetos pedagógicos norteadores da conduta de seus profissionais.

08) As religiões podem ser consideradas instituições sociais que garantem sua permanência por meio dos rituais: atos repetitivos que rememoram o acontecimento inicial da história sagrada de determinada cultura.

16) A família é um tipo de instituição social essencialmente dinâmica, sendo o tipo familiar mais expressivo na sociedade brasileira, na atualidade, o monoparental: quando um dos cônjuges vive com os filhos na presença ou não de outros parentes na mesma casa.

11. (UEM 2009) Considerando as transformações contemporâneas das religiões no Brasil, assinale o que for **correto**.

01) Nos grandes centros urbanos, as igrejas ajudam a criar um espaço de reconstituição de laços de sociabilidade e de sentimento de pertencimento.

02) Nas últimas décadas, a diversificação de igrejas pode ser melhor compreendida se analisarmos como se dá a consolidação e a expansão de práticas religiosas que comercializam símbolos de fé.

04) A religião é apreendida pelos indivíduos modernos como um universo no qual a adesão deve ser coletiva, o que lhes retira a autonomia na escolha das crenças.

08) O impacto da modernidade sobre o campo religioso se traduziu em um gerenciamento das igrejas como estruturas empresariais, associadas a modernos meios de comunicação de massa.

16) As igrejas não são instituições estáticas. Elas também passam por processos de transformação social que alteram suas práticas rituais.

12. (UEM 2009) Sobre a relação indivíduo e sociedade, assinale o que for **correto**.

01) O individual e o coletivo não estão separados, formando uma relação que fundamenta o processo de construção da vida social.

02) Uma questão social é um problema compartilhado por uma coletividade, ou seja, que não diz respeito somente aos interesses da vida privada.

04) Quando um operário assina um contrato com uma empresa, a relação estabelecida nesse acordo não é apenas entre indivíduos, mas também entre classes sociais: a operária e a burguesa.

08) A sociologia defende que, para uma pessoa ter sucesso, ela deve se libertar dos limites impostos pela socialização.

16) As pesquisas sociológicas comprovam que um indivíduo isolado, concentrando-se no poder transformador do pensamento positivo, altera as condições objetivas de existência de todo um grupo.

13. (UEM 2009) No que se refere às instituições sociais, assinale o que for **correto**.

- 01) A linguagem é uma instituição fundamental da sociedade, expressando e estabelecendo símbolos compartilhados.
- 02) A grande maioria das sociedades não possui regras que regulamentam as relações sexuais e a procriação de filhos; no entanto, onde elas existem, são praticamente as mesmas.
- 04) Para a maioria dos indivíduos, a família aparece como a primeira instituição social, já que, para eles, ela é considerada o fundamento básico das sociedades.
- 08) As instituições sociais podem ser consideradas formas sancionadas de papéis, padrões e relações, cujo objetivo é satisfazer necessidades sociais básicas.
- 16) O Estado supervisiona apenas os aspectos exteriores da vida social; portanto, não pode ser definido como uma instituição social.

14. (UEM 2010) “O casamento é assim há cerca de três mil anos. A monogamia surgiu com a família, para garantir a manutenção da herança nas mesmas mãos. A relação fora do casamento era um crime inadmissível, o adultério. Mas só para as mulheres, pois o marido não podia correr o risco de ter um filho bastardo. Os homens não tinham esse problema. Sempre se sabe quem é a mãe de uma criança. Já o pai precisou esperar até a Ciência desenvolver os testes com base no DNA para ter certeza de que o filho é seu.”

OLIVEIRA, Malu. *Homem e mulher a caminho do século XXI*. São Paulo: Ática, 1997, p. 30.

Considerando o texto acima e seus conhecimentos sobre a instituição família, assinale o que for **correto**.

- 01) Os laços de parentesco são estabelecidos a partir da consanguinidade ou do casamento.
- 02) Em determinados contextos, o crime de adultério serviu para penalizar e expor as mulheres a severos julgamentos sociais sobre sua idoneidade moral.
- 04) Os modelos de família patriarcais não influenciaram a formação social e cultural das sociedades ocidentais.
- 08) A família é uma instituição social estática, e os exames de DNA são recursos modernos que dificilmente são utilizados para definir a paternidade.
- 16) Nas sociedades ocidentais, as uniões monogâmicas são instituições que auxiliam a perpetuação das heranças em uma mesma unidade familiar.

15. (UEM 2010) Sobre o tema instituições escolares, assinale o que for **correto**.

- 01) Há sociedades que são “desescolarizadas”. Nelas, a herança cultural e os saberes necessários para a sobrevivência e a convivência são transmitidos por meio da educação informal.
- 02) Nas sociedades ocidentais modernas, a escola possui, entre outras funções, a de organizar, disciplinar e controlar os indivíduos.
- 04) As instituições escolares oferecem um modelo de educação que é fundamental para o processo de

socialização dos indivíduos e de manutenção dos grupos.

08) No Brasil, a educação pública e gratuita é um direito assegurado pela Constituição de 1988, sendo, portanto, uma obrigação do Estado oferecer escolas e um dever dos pais ou dos responsáveis matricular e manter seus filhos na escola.

16) O processo de educação informal exige que os indivíduos permaneçam em período integral nas instituições escolares.

16. (UEM 2010) “O ‘homem feminino’ era uma espécie de náufrago chegando a uma ilha deserta e tentando se adaptar às condições de vida do lugar. Ele não escolheu estar ali. Não preparou seu espírito para mudar de vida. Não esqueceu as facilidades e o conforto do lugar onde morava. Mas como vinha questionando a validade de viver para o trabalho, estressado, viu no naufrágio uma oportunidade de experimentar a novidade”.

OLIVEIRA, Malu. *Homem e mulher a caminho do século XXI*. São Paulo: Ática, 1997, p. 67.

Considerando o texto e o tema instituições sociais e as relações entre indivíduo e sociedade, assinale o que for **correto**.

01) As ciências sociais consideram que as diferenças de comportamento existentes entre homens e mulheres, em relação aos seus papéis familiares, são decorrentes das diferenças anatômicas e fisiológicas existentes entre os sexos.

02) Alguns dos principais movimentos sociais contemporâneos problematizam e questionam os modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade heterossexuais como única forma legítima de conformação das identidades e comportamentos sexuais.

04) Os movimentos pela igualdade entre os gêneros, originados no início do século XX, foram organizados por grupos sociais que lutavam, simultaneamente, pelo reconhecimento do papel público das mulheres e pelos direitos à vida familiar e doméstica dos homens.

08) Os estudos de gênero apontam que valores, como força, coragem e ousadia, associados ao mundo masculino, bem como as concepções de delicadeza, timidez e fragilidade, relacionadas aos conceitos de feminino, são construções simbólicas e sociais que podem ser apropriadas das mais diversas maneiras pelos homens e pelas mulheres.

16) O avanço feminista do século XX alterou radicalmente a posição das mulheres no mundo público e privado, mas não afetou significativamente a identidade masculina.

17. (UEM 2010) “Poucas dentre as várias descobertas tecnológicas surgidas no século XX que contribuíram para alterar profundamente os rumos das sociedades contemporâneas foram objeto de tantas polêmicas como a pílula anticoncepcional”.

LOYOLA, Maria Andrea. Cinquenta anos de anticoncepção hormonal: a mulher e a pílula. *Revista eletrônica ComCiência*, n.º 119, junho de 2010. Disponível em: <www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=57&id=717>. Acesso em: 30 set. 2010.

Considerando o texto acima e seus conhecimentos sobre as instituições sociais e as relações estabelecidas entre os indivíduos e a sociedade, assinale o que for **correto**.

01) O uso da pílula anticoncepcional foi um dos fatores que mais contribuiu para a inserção das mulheres na esfera pública, na segunda metade do século XX.

02) O surgimento da pílula anticoncepcional se deu em meio a um contexto de transformações sociais e culturais, o que intensificou o significado libertário de seu uso.

04) Os métodos hormonais de controle de natalidade, inicialmente condenados pela Igreja Católica, não encontram, hoje, oposição entre os setores religiosos mais tradicionais.

08) O uso da pílula anticoncepcional se relaciona com um crescente processo de organização, cálculo e racionalização da vida íntima e familiar.

16) Com a expansão do uso da pílula anticoncepcional, outras formas de planejamento familiar e de controle de natalidade foram abandonadas pelos movimentos feministas, e o aborto deixou de ser uma reivindicação de tais movimentos junto aos poderes públicos.

18. (UEM 2010) Considerando o fenômeno religioso, assinale o que for **correto**.

01) Em todas as culturas, podemos encontrar “sinais” do sagrado e a definição de locais para sua celebração: templos, igrejas, sinagogas, terreiros, mesquitas etc.

02) Os rituais religiosos são atos que não passam por processos de transformação, na medida em que se dirigem a um mundo distanciado da vida prática.

04) Para os sociólogos, é possível compreender algumas das principais características de determinadas sociedades, por meio da análise do fenômeno religioso.

08) O avanço dos processos de modernização e industrialização das sociedades conduz, segundo alguns analistas, à secularização, que indica perda de influência da religião sobre diversas esferas da vida social.

16) Há diferenças nas abordagens sociológicas do fenômeno religioso. Alguns teóricos o concebem como elemento que fortalece os laços de coesão social, e outros o tratam como um mecanismo que gera acomodação e submissão.

19. (UEM 2011) Tendo como referência que a família é tratada pela Sociologia como uma instituição social, assinale o que for **correto**.

01) O senso comum atribui à família uma naturalidade, problematizada pela Sociologia, que a vê como a primeira instituição social à qual os indivíduos pertencem.

02) A Sociologia busca a construção de um modelo familiar que deveria servir de referência para todos os grupos sociais, nas mais diferentes sociedades.

04) É norma que as famílias se organizem de forma nuclear e que o casamento siga regras fixas que indicam uma uniformização em diferentes épocas históricas.

08) As sociedades matrilineares definem que a mãe é a referência para o estabelecimento das relações de parentesco e de descendência.

16) As famílias patriarcais são típicas das sociedades que passaram pela experiência da escravidão. Nelas, o pai é o grande “proprietário” de terras, dos bens e das pessoas.

20. (UEM 2011) O fenômeno religioso ocupa um importante espaço nas preocupações sociológicas. Considerando o tratamento sociológico desse tema, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

01) Dada a importância que possui para as relações sociais, a religião é uma instituição que influencia outras instituições, como a família e o Estado, mas não pode ser por estas influenciada.

02) A Sociologia comporta teorias diversas sobre o fenômeno religioso. Entretanto, todas elas enfatizam seu papel na promoção da estabilidade social e não nas mudanças sociais.

04) Para Durkheim, a religião tem a função de reforçar a solidariedade social, ou seja, a coesão da sociedade.

08) Os dogmas religiosos dizem respeito a verdades irrefutáveis mantidas pela fé. Para serem reconhecidos como válidos, eles não requerem uma justificação científica.

16) O termo “Igreja” só se aplica às manifestações religiosas de origem ocidental. Nas demais sociedades, as manifestações religiosas devem ser compreendidas como seitas.

21. (UEM 2011) “Não podemos deixar de perceber que agimos condicionados pelas experiências que acumulamos no passado. Como nos socializamos via grupos sociais, estes também limitam o espectro de opiniões que podemos suportar. Nossas ações e percepções acerca de nós mesmos são desenhadas pelas expectativas dos grupos dos quais fazemos parte. É por isso que coisas que nos parecem óbvias nada mais são do que um conjunto de crenças que mudam conforme as características dos grupos aos quais nos filiamos”

(JUNIOR PAIVA, Yago Euzébio Bueno de. *Viver e pensar o cotidiano*. In *Sociologia. Ciência & Vida*. Ano III – Edição 32 – Dezembro/2010, p. 15).

Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** sobre o texto acima e sobre os temas que ele aborda.

01) Pode-se concluir do texto que os juízos que fazemos de nós mesmos são falsos, já que é a sociedade que os determina.

02) O fenômeno da socialização está abordado no texto. Ele é utilizado pela Sociologia para designar o

aprendizado das normas e das crenças que vigoram numa determinada sociedade.

04) Pode-se concluir do texto que as crenças nutridas pelos indivíduos se constituem objetos de interesse da Sociologia.

08) De acordo com o autor do texto, o indivíduo é livre quando seus valores são construídos autonomamente, independente da sociedade.

16) Se nossas percepções sobre nós mesmos têm origem exterior, elas podem ser consideradas um fato social.

22. (UEM 2011) Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** sobre o tema *uniões familiares* e o texto que o discute: “Em 1949, na cidade de Mossoró, o casal Elizabeth e Rafael Negreiros, para entrar na Igreja e celebrar seu casamento, teve que pedir uma autorização especial ao papa. Apesar de serem habituais os casamentos consanguíneos na região, a oficialização daquela união pareceu exagerada ao pároco local. De fato, o pai da noiva, Solon, era irmão do pai do noivo, Manoel. Maricota, a mãe dos pais dos noivos, era mãe da outra avó de Rafael. Para complementar, Solon e Manoel ainda eram casados com primas, Júlia e Sinhá. O padre achou que estava diante de um caso de incesto”

(Trecho de reportagem da revista *Veja* de 13.02.2002, citado por OLIVEIRA, Pécio Santos de. Introdução à Sociologia. Série Brasil. São Paulo: Ática, 2006, p. 160).

01) O incesto diz respeito a regras que proíbem o casamento entre determinados indivíduos dentro de um mesmo grupo familiar. Tais regras variaram ao longo do tempo e assumiram diferentes conteúdos nas diversas sociedades.

02) A família monogâmica é aceita pela Sociologia como o tipo familiar ideal e mais evoluído da história humana.

04) Pode-se concluir do texto que, na cidade de Mossoró, os casos de casamento entre irmãos são muito frequentes.

08) As demandas atuais pelo reconhecimento de uniões entre pessoas do mesmo sexo são exemplos de processos que pretendem expandir a definição legal e social de família vigente nas sociedades contemporâneas.

16) Pode-se concluir do texto que a religião é uma das instituições que detêm o poder de definir os critérios de validade para as uniões familiares.

23. (UEM 2011) Sobre o fenômeno religioso, assinale o que for **correto**.

01) É possível afirmar que a religião é uma obra humana que liga os homens ao mundo do sagrado.

02) Não há registro de experiências de governo que conjuguem ações de Estado e da Igreja no processo legislativo.

04) O exercício da tolerância religiosa indica a construção de um mundo menos etnocêntrico e mais heterogêneo.

08) Para Durkheim, as cerimônias e rituais religiosos mostram como a religião tem a função de fortalecer os laços de coesão social.

16) O estudo sociológico de Weber busca compreender como a ética protestante contribuiu para a gênese do capitalismo moderno.

24. (UEM 2011) Sobre as instituições responsáveis pelos processos de socialização dos indivíduos, assinale o que for **correto**.

01) A família deixou de ser uma instituição de socialização primária relevante, pois no século XXI não transmite mais as habilidades necessárias para o agir em sociedade.

02) A escola é responsável pela socialização secundária dos indivíduos, atuando tanto na formação profissional dos estudantes quanto na transmissão de valores e normas compatíveis com a estrutura social vigente.

04) Os grupos de colegas e amigos formados na adolescência e na juventude podem ser definidos como instituições de socialização importantes, pois desempenham papel cada vez mais relevante no processo de formação das identidades sociais.

08) Os meios de comunicação, apesar de cada vez mais presentes na vida moderna, não interferem no processo de socialização primária e secundária, pois a exposição aos seus conteúdos sempre é mediada e controlada pela família e pela escola.

16) O processo de socialização se encerra no final da juventude, não se estendendo pela vida adulta. Nessa etapa da vida individual adulta, as habilidades e valores necessários para viver em sociedade já estão de tal forma cristalizados que não podem mais ser alterados.

25. (UEM 2012) A tese sociológica da secularização, amplamente aceita durante quase todo o século XX, afirmava que, com o desenvolvimento social e o desenvolvimento econômico, diferentes formas de racionalismo iriam gradualmente substituir a religião e sua autoridade sobre a vida dos indivíduos. Na década de 1990, todavia, essa afirmação começou a ser revisada e a religiosidade passou a dar sinais evidentes de ser retomada em escala global.

Sobre esse assunto, assinale o que for **correto**.

01) A revisão da tese da secularização foi impulsionada pela divulgação de pesquisas mundiais, na década de 1980, que demonstraram estabilidade nos indicadores de adesão religiosa.

02) Países como os EUA representavam um desafio contundente à tese da secularização, pois apesar do seu elevado nível de desenvolvimento no final do século XX, contavam com população majoritariamente religiosa.

04) O fenômeno do fundamentalismo religioso demonstrou, durante todo o século XX, e em diferentes regiões do planeta, que desenvolvimento e adesão religiosa podem conviver no mundo moderno, contrariando assim as expectativas de secularização.

08) Nas últimas décadas, a retomada da religiosidade tem sido acompanhada pelo crescimento da autoridade religiosa e pelo questionamento dos princípios do Estado laico.

16) A retomada do fenômeno religioso tem ocorrido nas últimas décadas pela expansão de formas mais livres de manifestação, nas quais os indivíduos combinam diferentes fontes e tradições segundo seus gostos e suas necessidades.

26. (UEM 2012) Considere o texto a seguir e assinale o que for **correto** sobre o fenômeno religioso.

“Transe, possessão e mediunidade são fenômenos religiosos recorrentes na sociedade brasileira. No candomblé, na umbanda, no espiritismo, no pentecostalismo e em outros grupos religiosos, entidades, guias, o Espírito Santo, orixás descem ou sobem, se incorporam, se comunicam etc. através de cavalos, aparelhos, ou do que costumamos denominar de indivíduo agente empírico, unidade significativa da sociedade ocidental moderna nos termos de Louis Dumont.”

(VELHO, Gilberto. *Indivíduo e religião na cultura brasileira*. In: VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 53.)

01) Os sistemas de crença são construções sociais criadas pelos indivíduos para organizar o mundo em que vivem.

02) A análise sociológica das crenças e de seus sistemas de representação nos permite compreender as ligações entre os mundos sagrado e profano.

04) As religiões e os cultos acima mencionados revelam pluralidades de técnicas corporais e visões de mundo expressas por seus seguidores.

08) Por ser o Brasil um país majoritariamente católico, o respeito e a tolerância pelas mais diversas religiões não conseguem obter amparo legal.

16) Na abordagem acima apresentada, o indivíduo agente empírico é o personagem das dramatizações religiosas, sendo, dessa forma, o sujeito da investigação sociológica.

27. (UEM 2012) Tendo como referência o texto abaixo reproduzido, assinale o que for **correto** sobre o tema “instituições sociais e as relações entre indivíduo e sociedade”.

“Dentre os quarenta cromossomos do mapa genético humano, apenas um diferencia biologicamente as mulheres dos homens. Entretanto, esse detalhe microscópico foi o suficiente para dividir quase toda a humanidade em dois grupos que se interpenetram sem nunca perderem sua distinção básica.”

(RODRIGUES, Maysa. O Sexo Inventado. *Revista Sociologia*. São Paulo: Editora Escola. Ano IV- n.º 33, fev, 2011, p. 28.)

01) As diversas instituições responsáveis pela socialização do indivíduo também promovem as distinções entre feminino e masculino.

02) A distinção biológica entre homens e mulheres não tem reflexo na organização da vida social dos indivíduos, que desempenham papéis a partir de suas livres escolhas.

04) A instituição familiar é o espaço no qual aprendemos a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade. Trata-se, portanto, do primeiro lugar que nos ensina o que é ser homem ou ser mulher.

08) Ao tratar das distinções de sexo, enfatizamos os aspectos biológicos e, ao abordar as diferenças entre homens e mulheres como um problema de gênero, valorizamos o peso das instituições sociais no processo de socialização dos indivíduos.

16) Em todas as culturas há um mesmo processo de socialização para homens e mulheres, processo que reserva a elas a função da maternidade e os cuidados com a vida doméstica.

28. (UEM 2012) Os arranjos familiares têm sido considerados pelo pensamento social moderno como agências primárias de socialização dos indivíduos. A partir das contribuições sociológicas sobre o assunto, assinale o que for **correto**.

01) Para Gilberto Freyre, a lógica patriarcal, que regulou as relações familiares no Brasil colônia, também ajudou a estruturar as relações políticas e econômicas da época a partir da figura do “patriarca”.

02) A “família nuclear” burguesa pode ser compreendida como um modelo idealizado de organização familiar que representou valores e relações sociais dominantes no imaginário ocidental contemporâneo.

04) Os novos papéis sociais assumidos pelas mulheres vêm produzindo mudanças nas relações familiares contemporâneas, pois alteram os sentidos tradicionais atribuídos ao casamento e à maternidade.

08) No Brasil, o reconhecimento jurídico da união estável de pessoas do mesmo sexo significou uma conquista recente dos grupos envolvidos nas lutas pela legitimação de arranjos familiares alternativos.

16) O aumento expressivo no número de divórcios ocorridos nas últimas décadas está diretamente relacionado à crise moral e social por que passa a sociedade brasileira.

29. (UEM 2012) Considerando as abordagens sociológicas para o fenômeno religioso, assinale o que for **correto**.

01) Em diferentes culturas, o fenômeno religioso tem a função de desvincular o mundo sagrado do mundo profano.

02) Ao analisar os cultos aos seres sagrados, os sociólogos podem observar o processo de encantamento do mundo, promovido pelo fenômeno religioso.

04) A religião tem o poder de transmutar o espaço e o tempo. Assim, criam-se locais sagrados, como templos, santuários, terreiros, etc., e também divisões temporais marcadas pelo nascimento de divindades.

08) Ao adotarem um comportamento fanático, os seguidores de qualquer religião podem torná-la um instrumento de dominação e intolerância.

16) Os rituais fúnebres são eventos que nos mostram como a crença em uma vida futura é uma das primeiras manifestações da religiosidade.

30. (UEM 2012) Uma das questões centrais no pensamento sociológico desde suas origens tem sido a análise teórica das relações entre indivíduo e sociedade. Sobre esse assunto, assinale o que for **correto**.

01) Para Karl Marx, as pessoas deveriam ser analisadas individualmente nas sociedades modernas, uma vez que teriam sido elas que produziram o sistema capitalista a partir de relações de trabalho livres e harmônicas.

02) Ao analisar os processos de ensino, Émile Durkheim observa que crenças e comportamentos individuais são instituídos pela sociedade por meio de uma herança que é passada às gerações futuras pela educação familiar e, sobretudo, pela escolar.

04) Em Max Weber, as relações entre indivíduo e sociedade poderiam ser compreendidas por meio dos sentidos que as pessoas conferem às suas ações, pois eles seriam formulados conforme as expectativas que criamos diante das ações de outros indivíduos.

08) Segundo Norbert Elias, assim como um conjunto de tijolos forma uma casa, um conjunto de indivíduos forma a sociedade; por isso, as sociedades seriam mais bem compreendidas se cada pessoa fosse analisada individualmente.

16) Ao analisar os processos de socialização, Pierre Bourdieu verifica que categorias e valores dominantes em determinados campos sociais, ao mesmo tempo em que orientam as práticas individuais, são reestruturados por estas práticas.

31. (UEM 2012) “No Brasil, todos os homens, no ano em que completam 18 anos de idade, são obrigados ao alistamento militar. Caso essa obrigação não seja observada, o jovem é considerado ‘refratário’ e, nessa condição, não receberá o certificado de reservista, documento exigido para tirar título de eleitor ou passaporte, prestar concurso público, abrir conta bancária ou matricular-se na universidade. Os selecionados para o serviço militar obrigatório que não se apresentarem tornam-se ‘insubmissos’, sujeitos às penalidades previstas pela justiça militar.”

(CASTRO, C. A resistência à implantação do serviço militar obrigatório no Brasil. In: GOMES, A. C. (coord.). *Direitos e*

Cidadania: justiça, poder e mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 239)

Considerando o texto anterior, assinale o que for **correto** sobre o tema das instituições sociais.

01) O alistamento militar promove um tipo de coerção social que impõe aos jovens o ingresso no serviço militar.

02) Aqueles que desobedecem à obrigatoriedade do serviço militar sofrem imposição de limites para o exercício de uma cidadania plena, como a que permite aos jovens participarem dos processos eleitorais.

04) A condição de alistado, refratário ou insubmisso é uma escolha possível para todos os jovens que devem, ao completarem 18 anos, alistar-se no serviço militar, revelando a dimensão individual e social de nossas escolhas diante de regras que são criadas por instituições.

08) As regras que criam a obrigatoriedade do serviço militar exemplificam que o Estado usa suas instituições para garantir que as vontades individuais sejam respeitadas.

16) Para os jovens brasileiros, a universalização da exigência de certificado de reservista condiciona, inclusive, a possibilidade de continuar os estudos na fase da vida em que o desejarem.

32. (UEM 2013) Considerando o tema das instituições sociais, assinale o que for **correto** sobre a família.

01) A família nuclear é aquela composta por um homem, o provedor primário, uma mulher, que trabalha em casa, e um filho, ao menos.

02) A família extensa é aquela em que o casal e seus filhos passam a conviver com outros parentes, como avós ou tios.

04) As famílias podem ser monoparentais, quando convive apenas um dos cônjuges com os filhos.

08) As famílias monoparentais matrifocadas são aquelas chefiadas por mulheres que, na maioria das vezes, passaram por separação, por divórcio ou por viuvez.

16) Os novos arranjos familiares indicam que a família deixou de ser uma instituição social com força para efetuar o processo de socialização dos indivíduos.

33. (UEM 2013) Considerando seus conhecimentos sobre os processos de socialização, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

01) As redes de amizade não podem ser consideradas agentes de socialização, uma vez que, para ter amigos, é necessário aos seres humanos já estarem plenamente integrados à vida social.

02) A comunicação humana é um dos elementos de socialização. Ela é o produto e também um meio de interação social. Ela depende, em grande parte, da capacidade de imaginar e de se colocar no lugar do outro para entender o ato comunicativo.

04) A socialização é um processo restrito à infância. Os papéis sociais aprendidos nos primeiros anos de vida

são os que permanecem e se reproduzem nas instituições sociais.

08) É possível dizer que a socialização começa logo após o nascimento. Ao chorarem, por exemplo, as crianças interagem com os pais, que lhes providenciam alimento, consolo ou afeição. Tanto para a sociologia quanto para a psicologia, esses são os primeiros movimentos em direção à construção do *self*, um conjunto de atitudes e de ideias sobre a própria existência e sobre a relação com os outros.

16) Apenas relações face a face podem ser consideradas relevantes nos processos de socialização. Os meios de comunicação de massa ou as recentes tecnologias digitais, embora muitas vezes chamados de interativos, não caracterizam formas significativas de socialização.

34. (UEM 2013) “A escola exclui, como sempre, mas ela exclui agora de forma continuada, a todos os níveis de curso, e mantém no próprio âmbito daqueles que ela exclui, simplesmente marginalizando-os nas ramificações mais ou menos desvalorizadas. Esses ‘marginalizados por dentro’ estão condenados a oscilar entre a adesão maravilhada à ilusão proposta e a resignação aos seus veredictos, entre a submissão ansiosa e a revolta impotente”

BOURDIEU, P. (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 485.

Considerando a citação e as abordagens sociológicas sobre o contemporâneo processo de escolarização, assinale o que for **correto**.

01) O melhor desempenho escolar de certas pessoas está ligado ao dom natural para os estudos que desperta logo no nascimento, pois as aptidões intelectuais facilitam o aprendizado e permitem conseguir notas mais altas.

02) Historicamente a escola tem sido uma instituição democrática que respeita as diferenças econômicas, sociais e culturais da sociedade e garante oportunidades iguais para as pessoas que se esforçam nos estudos.

04) Ao ocultar seu papel na legitimação e na reprodução dos saberes, dos valores e das experiências dos grupos dominantes, a instituição escolar esconde também os seus mecanismos “sutis” de exclusão dos grupos marginalizados.

08) A baixa qualidade do ensino oferecido pelas escolas públicas no Brasil está diretamente relacionada ao grande número de pessoas pobres que ela inclui, pois a condição econômica determina o desempenho escolar.

16) Um dos principais desafios colocados para os atuais sistemas de ensino no Brasil tem sido a necessidade de assegurar a inclusão educacional de indivíduos e de grupos sociais que historicamente foram marginalizados pela escola regular.

35. (UEM 2013) Considerando as análises sociológicas sobre a família, é **correto** afirmar que

01) a família, em nossa sociedade, é responsável pelos processos iniciais e informais de socialização.

02) a informalidade social da família em nossa sociedade está relacionada à possibilidade de exercício da intimidade e do afeto bem como do aprendizado das regras sociais.

04) a família nuclear é o modo predominante de organização das famílias nos espaços urbanos modernos.

08) a família é uma instituição social rígida que não está submetida a transformações históricas ou sociais.

16) a diversidade social, as políticas sociais de proteção às famílias e as lutas por direitos civis, verificadas no Brasil e no mundo nas últimas décadas, têm favorecido a proteção de organizações familiares que não se encaixam perfeitamente nos moldes tradicionalmente associados aos papéis de pai, de mãe e de filhos.

36. (UEM 2013) “Dentro da sociedade norte-americana, o principal poder nacional reside hoje nos domínios econômico, político e militar. Outras instituições parecem colocadas do lado de fora da história moderna e, de vez em quando, subordinam-se convenientemente àqueles domínios. Nenhuma família é tão diretamente poderosa em questões nacionais quanto qualquer grande corporação: nenhuma igreja é tão diretamente poderosa nas histórias de vida externas dos jovens norte-americanos hoje quanto o Exército dos EUA; nenhuma universidade é tão poderosa na conformação dos eventos internacionais quanto o Conselho de Segurança Nacional. As instituições religiosa, educacional e familiar não são centros autônomos de poder nacional; pelo contrário, essas áreas descentralizadas são cada vez mais moldadas pelos três grandes poderes, nos quais ocorrem hoje os eventos de consequência decisiva e imediata”

(WRIGHT-MILLS, C. A elite do poder: militar, econômica e política. In: FERNANDES, H. R. (org.). *Wright-Mills: sociologia*. São Paulo: Ática, 1985, p. 70).

De acordo com o texto, é **correto** afirmar que

01) as instituições sociais mais poderosas nas sociedades modernas são as religiões, as escolas, as universidades e as famílias.

02) os domínios econômico, político e militar são muito importantes nas sociedades modernas, mesmo quando entram em conflito entre si, dado que seus interesses nem sempre são convergentes.

04) as universidades são instituições autônomas e independentes dos interesses econômicos, políticos e militares.

08) instituições familiares, educacionais e religiosas frequentemente se submetem aos interesses militares, políticos e econômicos.

16) as Forças Armadas e as agências, como os Conselhos de Segurança Nacional, são instituições cada vez menos importantes para os estados nacionais, dada a força de movimentos internacionais de caráter

pacifista e de defesa dos direitos humanos e dos cidadãos.

37. (UEM 2014) Assinale o que for correto em relação à escola como uma instituição social.

01) Pode-se afirmar, em relação à escola e à educação formal, que a educação é simultaneamente um direito e um dever, conforme a legislação vigente.

02) Segundo Émile Durkheim, a escola tem a função de adequar os indivíduos aos valores da sociedade da qual eles fazem parte.

04) A socialização escolar não representa uma ruptura em relação à socialização familiar, já que escola e família são instituições pertencentes à mesma sociedade.

08) A heterogeneidade e a diversidade étnica, social e cultural da sociedade são encontráveis também no ambiente escolar.

16) As escolas são instituições que seguem exclusivamente suas normas internas e, portanto, não precisam prestar contas ao poder público nem à sociedade.

38. (UEM 2014) “É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um ‘vir a ser’, projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo. Quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à ideia de risco e violência, tornando-os uma classe ‘perigosa’. Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer.”

(DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: Educação e Sociedade. Campinas, Vol. 28, n.º 100, 2007, p. 1117).

Considerando a citação e a compreensão sociológica das relações entre juventude e escolarização, assinale o que for correto.

01) O principal problema da juventude atual é a falta de consciência de que os jovens não estão prontos para a vida social e, por isso, precisam ficar reclusos em instituições escolares que lhes ensinem como se portar em sociedade.

02) As instituições escolares ocupam um papel importante na socialização das juventudes contemporâneas, pois abrigam práticas culturais heterogêneas que concorrem para a constituição de diferentes identidades juvenis.

04) A falta de esforço individual e a dificuldade que alguns jovens têm em se perceber como alunos que devem se dedicar aos estudos estão na base das desigualdades escolares enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro.

08) Pobreza, violência e marginalização fazem parte da vida de muitos jovens que chegam às escolas levando

consigo os conflitos e as contradições de uma estrutura social desigual e excludente.

16) A representação homogênea dos alunos dificulta a percepção das diferentes experiências e trajetórias que compõem a variedade de condições juvenis presentes na escola.

39. (UEM 2014) Segundo o sociólogo Peter Berger: “(...) Somente os loucos ou raros gênios podem habitar sozinhos em seus mundos de significados. A maioria das pessoas adquire seus significados de outras pessoas, cujo apoio constante é necessário para que esses significados possam continuar a ter credibilidade. As igrejas constituem órgãos para o fortalecimento mútuo de interpretações.”

(BERGER, P. Perspectivas sociológicas, Petrópolis: Vozes, 1973, p. 75-6).

A partir da assertiva acima e das contribuições da teoria sociológica, pode-se afirmar que:

01) As religiões são instituições sociais.

02) Qualquer pessoa pode estar perfeitamente integrada à sociedade à qual pertence sem pertencer a qualquer credo religioso, caso a sociedade em questão ofereça aos indivíduos essa possibilidade.

04) A religiosidade individual, expressão possível e encontrável na sociedade ocidental, é uma instituição religiosa.

08) Segundo Karl Marx, os indivíduos constroem a história, mas há condicionantes históricos que definem como será esse processo. Tal premissa pode ser aplicada a qualquer instituição social, inclusive à religião.

16) Os significados coletivos dos códigos religiosos são reproduzidos e reforçados por meio das instituições religiosas.

40. (UEL 2008) Leia os depoimentos a seguir:

- Sou um ser livre, penso apenas com minhas idéias, da minha cabeça, faço só o que desejo, sou único, independente, autônomo. Não sigo o que me obrigam e pronto! Acredito que com a força dos meus pensamentos poderei realizar todos os meus sonhos, e o meu esforço ajuda a sociedade a progredir. (Jovem estudante e trabalhadora em uma loja de *shopping*).

- Sou um ser social, o que penso veio da minha família, dos meus amigos e parentes, gostaria de fazer o que desejo, mas é difícil! Às vezes faço o que quero, mas na maioria das vezes sigo meu grupo, meus amigos, minha religião, minha família, a escola, sei lá... Sinto que dependendo disso tudo e gostaria muito de ser livre, mas não sou! (Jovem estudante em uma escola pública que trabalha em empregos temporários).

- Sinto que às vezes consigo fazer as coisas que desejo, como ir a *raves*, mesmo que minha mãe não permita ou concorde. Em outros momentos faço o que me mandam e acho que deve ser assim mesmo. É legal a gente viver segundo as regras e ao mesmo tempo poder mudá-las. Nas *raves* existem regras, muita gente não

percebe, mas há toda uma estrutura, seguranças, taxas, etc. Então, sinto que sou livre, posso escolher coisas, mas com alguns limites. (Jovem estudante e Office boy).

Assinale a alternativa que expressa, respectivamente, as explicações sociológicas sobre a relação entre indivíduo e sociedade presentes nas falas.

- Solidariedade mecânica, fundada no funcionalismo de E. Durkheim; individualismo metodológico, fundado na teoria política liberal; teoria da consciência de classe, fundada em K. Marx.
- Teoria da consciência de classe, fundada em K. Marx; sociologia compreensiva, fundada no conceito de ação social e suas tipologias de M. Weber; teoria organicista de Spencer.
- Individualismo, fundado no liberalismo de vários autores dos séculos XVIII a XX; funcionalismo, fundado no conceito de consciência coletiva de E. Durkheim; sociologia compreensiva, fundada no conceito de ação social e suas tipologias de M. Weber.
- Sociologia compreensiva, fundada no conceito de ação social e suas tipologias de M. Weber; teoria da consciência de classe, fundada em K. Marx; funcionalismo, fundado no conceito dos três estados de Augusto Comte.
- Corporativismo positivista, fundado em Augusto Comte; individualismo, fundado no liberalismo de vários autores dos séculos XVIII a XX; teoria da consciência de classe, fundada em K. Marx.

41. (UEL 2011) Em recente debate em torno das denúncias de pedofilia na Igreja Católica, um membro do clero brasileiro declarou que “a culpa é da sociedade”. De acordo com repercussão na revista *Veja*, “sociedade”, nestes termos, é uma abstração destinada a escamotear a verdade – a de que são os indivíduos os responsáveis por seus delitos.

(Veja, São Paulo, 12 maio 2010, p. 101.)

Com base no texto e nas teorias sociológicas clássicas a respeito da relação entre indivíduo e sociedade, é correto afirmar:

- Para a concepção materialista da história, a sociedade é um aglomerado de indivíduos, o que impede compreender a vida social em sua totalidade.
- Para a concepção weberiana, o assunto tratado não é um problema sociológico, haja vista a impossibilidade de encontrar as relações de sentido nos agentes envolvidos nestas ações.
- Na concepção durkheimiana, o caminho adequado para se compreender a vida social é priorizar as ações individuais em detrimento das manifestações coletivas.
- Na perspectiva positivista, a violação de princípios norteadores de uma instituição tende a conduzi-la a um estado patológico, o que demanda reformas para manter a saúde do corpo social.

e) Na sociedade comunista, indivíduo e sociedade podem viver em paz e harmonia, pois as contradições da vida social desaparecerão.

42. (UEM 2008) “Chamamos de secularização ou laicização do pensamento o cuidado em se desligar das justificativas baseadas na religião, que exigem adesão pela crença, para só aceitar as verdades resultantes da investigação racional mediante argumentação”

(ARANHA, M. L. e MARTINS, M. H. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2004, p. 106).

Para muitos sociólogos, uma das características básicas do mundo contemporâneo é a ampliação do processo de secularização a todos os domínios da vida social.

A esse respeito, assinale o que for **correto**.

01) O declínio acentuado das atividades religiosas no Brasil contemporâneo, expresso pela redução do número de fiéis nos vários grupos cristãos, mostra que este país está vivendo intensamente o processo de secularização.

02) O desenvolvimento industrial, o avanço das instituições e dos conhecimentos técnicos e científicos, as mudanças ocorridas nas sociedades agrárias tradicionais foram alguns dos fatores que levaram os sociólogos a elaborarem o conceito de secularização.

04) Entre as características do processo de secularização, está a tendência das religiões de procurarem adaptar suas doutrinas ao mundo moderno, assimilando integralmente os avanços do conhecimento científico.

08) O declínio da influência política e da autoridade intelectual da Igreja Católica na Europa dos tempos contemporâneos bem como o fortalecimento das idéias de cidadania e liberdade de expressão foram fatores que permitiram o desenvolvimento do processo de secularização.

16) A perseguição das práticas religiosas em alguns Estados contemporâneos mostra que o processo de secularização não impediu a intolerância e a discriminação.

43. (UNICENTRO 2015) Com base nos conhecimentos sobre o significado sociológico de instituição social, assinale a alternativa correta.

- Assume independência e distância da história da vida social.
- Desestrutura e inviabiliza relações estáveis entre indivíduos e grupos.
- Expressa a soma das vontades e dos valores individuais.
- Impõe padrões de controle e de normas de comportamento.
- Impede mudanças coletivas e individuais pelo seu caráter imutável.

44. (UNICENTRO 2014) Sobre a conceituação e as características das Instituições Sociais, considere as afirmativas a seguir.

I. São organizações sociais cuja característica é serem mais especializadas e menos universais.

Apresentam, em geral, determinada adaptação às classes sociais. A participação dos seus membros é delimitada de acordo com a sua posição social.

II. São características das instituições sociais: finalidade; conteúdo relativamente permanente; estrutura unificada e normas que regulam a conduta e a atitude dos indivíduos.

III. São um dos diversos tipos de organização social. Como todas as organizações, constituem sistemas sociais.

IV. É uma estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam segundo determinadas formas sancionadas e unificadas, com o objetivo de satisfazer necessidades sociais básicas.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

45. (UNICENTRO 2014) Segundo a corrente de pensamento positivista, um dos elementos fundamentais para a harmonia social é o fortalecimento dos laços sociais.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, as principais Instituições Sociais que contribuem para a ordem social.

- a) Família; Igreja; Estado; Empresa e Escola.
- b) Família; Clubes Recreativos; Associações Científicas; Sociedades Beneficentes e Escola.
- c) Estado; Organizações Femininas; Associações Científicas, Artísticas e Literárias; Sindicatos e Associações Beneficentes.
- d) Escola; Sindicatos; Sociedades Beneficentes; Sociedades Secretas e Associações Comerciais.
- e) Empresa; Grupos Juvenis; Irmandades; Sociedades Beneficentes e Sindicatos.

46. (UNICENTRO 2015) A socialização é o processo pelo qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade. As instituições cumprem papel importante nesse processo ao incluir a criança no mundo social e também o adulto em novos e específicos cenários da sociedade.

Adaptado de: BERGER, L. P.; BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (orgs.) Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.200-2014.

Com base no texto e nos conhecimentos sociológicos funcionalistas sobre socialização, considere as afirmativas a seguir.

I. A interiorização de papéis por meio da família e o processo de identificação com os outros são fundamentos da socialização.

II. A socialização impõe padrões e normas sociais à conduta dos indivíduos, por meio da interação social e das instituições.

III. A socialização secundária tem como efeito a ruptura com os ensinamentos da socialização primária.

IV. A participação do indivíduo na escola e em outras instituições provocam efeitos negativos no processo de socialização.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

47. (ENEM 2015) Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham. Por isso, desde já, salienta-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, o único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Paulo Freire defende que a superação das dificuldades e a apreensão da realidade atual será obtida pelo(a)

- a) desenvolvimento do pensamento autônomo.
- b) obtenção de qualificação profissional.
- c) resgate de valores tradicionais.
- d) realização de desejos pessoais.
- e) aumento da renda familiar.

GABARITO

1. a
2. a
3. 01/02/08
4. 08
5. 04/08/16
6. 01/04/08/16
7. 02/04/08/16
8. 02/16
9. 01/02
10. 01/02/08/16
11. 01/02/08/16
12. 01/02/04
13. 01/04/08
14. 01/02/16
15. 01/02/04/08
16. 02/08
17. 01/02/08
18. 01/04/08/16
19. 01/08/16
20. 04/08
21. 02/04/16
22. 01/08/16
23. 01/04/08/16
24. 02/04
25. 01/02/04/16
26. 01/02/04/16
27. 01/04/08
28. 01/02/04/08
29. 02/04/08/16
30. 02/04/16
31. 01/02/04/16
32. 02/04/08
33. 02/08
34. 04/16
35. 01/02/04/16
36. 02/08
37. 01/02/08
38. 02/08/16
39. 01/02/08/16
40. c
41. d
42. 02/08/16
43. d
44. e
45. a
46. d
47. a